

MARIA CÂNDIDA TRINDADE COSTA DE SEABRA

**UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA
DAS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO
EM PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Mestre em Letras - Língua Portuguesa

Belo Horizonte

1994

Dissertação aprovada pela banca examinadora, constituída pelos seguintes professores:



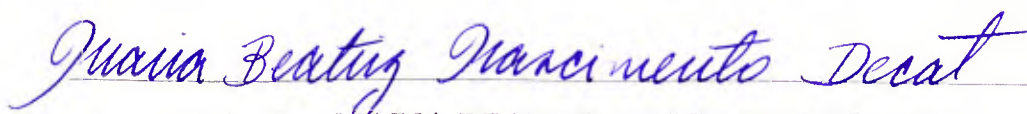
Profª. Dra. MARIA ANTONIETA AMARANTE DE M. COHEN

UFMG - Orientadora



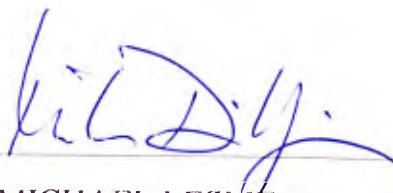
Profª. Dra. CLARA GRIMALDI ELEAZARO

UFMG



Profª. Dra. MARIA BEATRIZ NASCIMENTO DECAT

UFMG



Prof. Dr. MICHAEL LESLIE DILLINGER

Coordenador do Curso de Pós-Graduação
em Letras - FALE /UFMG

Faculdade de letras da UFMG

Belo Horizonte, de de 1994

*Aos meus pais,
Páscoa e José Henriques,
pelo exemplo de vida!*

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, pela orientação segura e eficiente, pelo apoio, amizade e estímulo.

Ao Caio Mário, pela compreensão e incentivo constante.

Aos meus filhos, Caio Mário F^o e Henrique, pelas horas subtraídas de atenção.

Aos familiares e amigos, pela paciência e colaboração.

Aos colegas do Curso de Pós-Graduação, Gláucia Muniz Proença Lara, Celso Fraga da Fonseca, José Antônio Oliveira de Resende, Marília Silva de Oliveira Dantas, Juliana Assis Moisés, Orlando Bianchini, Virgínia Pinheiro Ribeiro, pela convivência enriquecedora.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa, CNPq, pela bolsa de estudos.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

. RESUMO	07
LISTA DE QUADROS	08
. LISTA DE ABREVIATURAS UTILIZADAS	10
. INTRODUÇÃO	11
. CAPÍTULO 1 - Resenha Bibliográfica	17
1.1 - A Abordagem tradicional	20
1.1.1 - A "ordem" dos vocábulos em sentenças.....	21
1.1.2 - Pleonasma e Anacolutos: "desvios" sintáticos.....	24
1.2 - A Abordagem histórica	30
1.3 - Uma visão atual do problema	39
1.3.1 - "O tópico no português do Brasil".....	40
1.3.1.1 - Características do Tópico	42
1.3.1.2 - Co-referente ou "pronome-cópia".....	43
1.3.1.3 - Topicalização e deslocamento para a esquerda.....	45
1.3.2 - O tópico sob uma perspectiva diacrônica	47
1.3.2.1 - O encaixamento da mudança	50
1.3.3 - Perspectiva discursiva	55
1.4 - Para concluir	57

. CAPÍTULO 2 - O Corpus	59
2.1 - Preliminares	59
2.2 - O corpus representativo do Português Arcaico	60
2.3 - O corpus representativo do Português Contemporâneo.	64
. CAPÍTULO 3 - Descrição dos dados do Português Arcaico	66
3.1 - A função sintática dos tópicos.....	70
3.2 - O sujeito nas estruturas de tópico.....	74
3.3 - Observações finais	84
. CAPÍTULO 4 - Descrição dos dados do Português Contemporâneo	85
4.1 - A função sintática dos tópicos.....	89
4.2 - O sujeito nas estruturas de tópico.....	92
4.3 - Observações finais.....	99
. CAPÍTULO 5 - Análise Diacrônica	101
5.1. - A co-referência.....	107
5.2. - A frequência de ocorrência do SN2 no Português Arcaico e no Português Contemporâneo	110
5.3. - A alta frequência de adjunto adverbial como tópico	113
. CONCLUSÃO	121
. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

RESUMO

Este estudo trata das Construções de Tópico na modalidade escrita do Português. Partindo de dois cortes sincrônicos de diferentes períodos da língua - século XV e século XX -e, baseando-nos, com algumas modificações, na descrição adotada por Decat (1989), descrevemos cada fase para, posteriormente, através de uma análise diacrônica, fundamentada na concepção de Linguística Histórica proposta por Bynon (1977), Mattos e Silva (1991), e em Labov, Weinreich e Herzog (1968), tentamos identificar processos de mudança envolvendo as Construções de Tópico, no que se refere à sua reinterpretação como sujeito.

Do ponto-de-vista sincrônico foram propostos "tipos sintáticos" para os dois períodos de língua analisados; do ponto-de-vista diacrônico estabeleceram-se restrições à mudança Top>Suj. em ambientes adverbiais, tendo sido também indicado um "encaixamento" estrutural da mudança diferente do que o proposto na literatura.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Ocorrência geral dos clíticos	51
QUADRO 02 - Ocorrência de co-referentes com CTs - complemento	51
QUADRO 03 - Ocorrência de clíticos com CTs - complemento com co-referente	52
QUADRO 04 - Função sintática das estruturas de tópico em termos de número de ocorrências	67
QUADRO 05 - Função sintática das estruturas de tópico em termos percentuais	68
QUADRO 06 - Presença / Ausência de Sujeito	75
QUADRO 07 - Presença / Ausência de Sujeito quando o tópico tem a função sintática de adjunto adverbial	79
QUADRO 08 - Posição do SN ₂ em relação ao V	82
QUADRO 09 - Função sintática do tópico em termos de número de ocorrências	86
QUADRO 10 - Função sintática do tópico em termos percentuais	86
QUADRO 11 - Presença / Ausência de Sujeito em estruturas de tópico do Português Contemporâneo	93
QUADRO 12 - Presença / Ausência de Sujeito quando o tópico tem a função sintática de adjunto adverbial	95
QUADRO 13 - Posição do SN ₂ em relação ao V	98

QUADRO 14 - Quadro comparativo (N° e %) das funções e tipos das CTs do Português Arcaico e Contemporâneo	103
QUADRO 15 - Ocorrência de SN ₂ na S comentário das CTs	110
QUADRO 16 - Ocorrência de SN ₂ na S comentário das CTs, tendo em vista a função sintática das mesmas	111
QUADRO 17 - Quadro comparativo dos tipos sintáticos das CTs - adjunto adverbial	113
QUADRO 18 - Ocorrência de CTs - adjunto adverbial com preposição e sem preposição	114
QUADRO 19 - Ocorrência de CTs - adjunto adverbial locativo	118

LISTA DE ABREVIATURAS UTILIZADAS

- CT - Construção de Tópico
CTs - Construções de Tópicos
D.E. - deslocamento para a esquerda
F.S.P. - Folha de São Paulo
GT - Gramática Tradicional
GTs - Gramáticas Tradicionais
L. Cons. - Leal Conselheiro
P.A. - Português Arcaico
P.Cont. - Português Contemporâneo
S - sentença
s/d - sem data
SJ - Sujeito
S. Prep. - Sintagma Prepositivo.
SN - Sintagma Nominal
Ss - Sentenças
SVO - Sujeito / Verbo / Objeto
SVC - Sujeito / Verbo / Complemento
Top - topicalização
Tp - Tópico

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem dois objetivos: o primeiro deles é descrever Construções de Tópico (CT) em dois períodos da língua portuguesa: o arcaico, representado por texto do século XV, e o contemporâneo, por texto do século XX. Tais construções, a princípio consideradas como típicas da língua oral, mostraram-se, no entanto, presentes em textos escritos, como demonstrado por Pontes (1987), no artigo intitulado "Construções de tópico em língua escrita". Retomado por Decat (1989), numa perspectiva diacrônica, acrescentou-se ao tema a informação de que tais construções já se manifestavam na língua escrita do século XVIII em diante.

O presente trabalho volta mais atrás no tempo e investiga as CTs no século XV, tomando como base para sua descrição o Leal Conselheiro (cf. cap. 2) de D. Duarte. Evidencia-se a presença de tais construções já neste século, sendo, então, descritas sistematicamente. Noticia-se também sua presença em cantigas de amigo galego - portuguesas no século XIII (Puccini, 1988).

Volta-se depois à língua contemporânea escrita, descrevendo-se um "corpus" de 1993 (cf. cap. 2), e procede-se, finalmente, a uma comparação das duas análises propostas para as CTs desses dois períodos da língua.

Esses dados "reais" nos forneceram informações seguras, pois se nos baseássemos apenas na nossa própria intuição sobre os mesmos, correríamos o risco de não considerar certos aspectos da sintaxe portuguesa, ou por estes não terem sido lembrados, ou por não fazerem parte do nosso uso, levando-nos a fazer generalização não válidas.

Dentre as CTs analisadas na bibliografia pertinente, interessou-nos particularmente aquelas da língua coloquial contemporânea, descritas por Pontes(1987), em que, ocupando o tópico a posição do sujeito, é com este identificado, como em (i) e (ii) abaixo, em que Essa casa e O rádio são interpretadas como sujeito:

- (i) "Essa casa bate bastante sol."
- (ii) "O rádio estragou o ponteiro."

Dando prosseguimento à sugestão de Pontes (1987:156) de que em estruturas como essas "pode-se assistir a uma reavaliação do tópico como sujeito e da frase como SVO", Decat (op. cit.) propôs-se a descrever os fatores condicionantes de uma pretensa mudança Top>Suj, relacionando ("encaixando") a problemática no sistema pronominal e na ordenação de constituintes, considerando a própria mudança como um processo de reanálise.

Pontes aventa a hipótese de que sentenças como as acima procederiam de (i') e (ii'), em que o adjunto adverbial nesta casa e o adjunto adnominal do rádio teriam sido "alçados" para a posição de tópico, e, aí, considerados como sujeitos, eliminando-se as preposições no processo de transporte:

- (i) " Bate bastante sol nesta casa ."
- (ii) " Estragou o ponteiro do rádio ."

O segundo objetivo desta dissertação, que, como se verá, depende do primeiro, isto é, das descrições sincrônicas das CTs, é tratar dessa mudança, considerando a literatura relevante - tradicional e moderna - mas levando em conta fatores não considerados, por exemplo, por Decat (op. cit.).

A análise das sentenças do tipo de (i) será mais detalhado do que as do tipo (ii), em decorrência dos dados fornecidos pelo "corpus".

Para efetuar nossos objetivos, tomamos como norteadora a concepção de lingüística histórica tal como apresentada por Bynon (1977:1/2) e, também por outros diacronistas, como Mattos e Silva (1991:51), que adotam uma postura empirista frente aos fenômenos de mudança:

"A Lingüística Histórica procura investigar e descrever a maneira pela qual as línguas mudam ou conservam suas estruturas através do tempo; seu domínio é, portanto, a língua no seu aspecto diacrônico.

(...) Que a língua de fato muda através dos tempos torna-se logo evidente quando documentos escritos na mesma língua, mas de diferentes períodos de tempo são examinados.

(...) Isto significa que é possível abstrair dos documentos a estrutura gramatical da língua de cada período e, desta forma, uma série de gramática sincrônicas podem ser postuladas e comparadas. As diferenças entre suas estruturas sucessivas podem então ser interpretadas como reflexo do desenvolvimento

histórico da língua.

(...) por maior que seja o número de estágios lingüísticos considerados durante um período de tempo, sua sucessão jamais fornecerá um quadro verdadeiro da continuidade da língua através do tempo. É, portanto, por limitação da nossa metodologia que nos deparamos com a situação absurda de que a evolução lingüística, embora observável em seus resultados, parece escapar totalmente à observação como processo, enquanto este realmente está acontecendo."

(Bynon, Th. 1977:1/2)

"Para uma gramática diacrônica do português, são etapas preliminares gramáticas sincrônicas de estados passados da língua. Assim sendo, uma gramática sincrônica do Português Arcaico é um passo necessário a uma gramática diacrônica da língua portuguesa."

(Mattos e Silva. 1991:51)

Para a descrição sincrônica das CTs utilizaremos a descrição estrutural de Prince (1980), reapresentada por Braga (1986) e Decat (1989).

I	I	X ₁	I I...I	X ₂	I...I I
S	SN		SN		

em que:

- . X1 e X2 têm de ser co-referentes;
- . X2 tem de ser ou uma lacuna (anáfora zero/categoria vazia) ou um pronome co-referencial.

Com base nessa descrição, mas alterando-a em alguns pontos, propomos "tipos sintáticos" de CTs, procedendo-se a uma análise quantitativa dos dados,

em termos de frequência de ocorrência.

A análise diacrônica consiste na comparação dos dois fragmentos de gramáticas sincrônicas postuladas para o Português Arcaico (P.A.) e o Contemporâneo (P.Cont.). Tal comparação, por sua vez, terá, implicitamente, como orientação, as cinco etapas propostas para o estudo da mudança lingüística por Labov, Weinreich e Herzog (1968:83), explicitadas por Tarallo (1986:73), mas, efetivamente, apenas duas delas, que transcrevemos:

- a) "Quais são os fatores gerais efetivos para a mudança - se é que existem - que determinam e distinguem possíveis mudanças de mudanças impossíveis do sistema e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudanças?"
- b) "Como uma determinada mudança lingüística se encaixa no sistema circundante de relações sociais e lingüísticas?"¹

No capítulo 1, apresentamos uma resenha bibliográfica com abordagem histórica, tradicional e contemporânea de autores que estudaram direta ou indiretamente o problema da ordem na língua portuguesa, seja através de figuras de sintaxe, seja através de "colocação das palavras na frase" e, mais contemporaneamente, através de estruturas de tópico.

No capítulo 2, apresentamos os "corpora" arcaico e contemporâneo,

¹ Tarallo(1986:73) explicita as cinco etapas propostas por Labov, Weinreich e Herzog (1968:83) para o estudo da mudança lingüística:

"1 - Fatores condicionantes: Quais são os fatores gerais efetivos para a mudança - se é que existem - que determinam e distinguem possíveis mudanças de mudanças impossíveis do sistema e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudanças?"

2 - Encaixamento: como uma determinada mudança lingüística - se encaixa no sistema circundante de relações sociais e lingüísticas?"

3 - Avaliação: como os membros de uma determinada comunidade lingüística avaliam a mudança e, em especial, quais são os efeitos dessa avaliação, sobre o processo de mudança em si?"

4 - Transição: como e por quais caminhos a língua muda?"

5 - Implementação: por que, quando e onde determinada mudança ocorreu?"

justificamos tais escolhas e tecemos alguns comentários filológicos sobre o primeiro.

No capítulo 3, descrevemos os dados do português arcaico, procurando classificar as CTs em "tipos sintáticos".

No capítulo 4, fazemos a descrição dos dados do português contemporâneo, propondo também "tipos sintáticos" para as CTs.

No capítulo 5, estabelecemos uma comparação entre o comportamento sintático das modalidades estudadas, verificando os ambientes que poderiam ou não propiciar a mudança Top > Suj. A nossa análise nos leva mais às restrições da mudança do que propriamente à sua descrição.

CAPÍTULO I

1 RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo destina-se a apresentar informações que julgamos necessárias para o estudo de construções de tópico. A construção de tópico é um fenômeno antigo na língua portuguesa, documentada já a partir do século XIII em cantigas de Amigo, como se pode ver pelo exemplo (1), de Puccini.¹

- (1) "O anel do meu amigo
perdi-o ao lo verde pinho"

(Pero Gonzalez, de Portocarreiro, apud Puccini, 1989).

Esta construção é também documentada no século XIV, por Pádua (1960:69-70), assim como por Mattos e Silva (1989:786), e será registrada por nós, no presente trabalho, como uma construção existente no século XV, como se vê em (2):

- (2) "Da occiosidade em nossa linguagem,
seu nome mais apropriado he priguyça..."

(L.Cons.XV, Cap.XXVI, p.98,20-21)

¹ Puccini (1989). "A topicalização em Cantigas a Amigo do Século XIII."

Contemporaneamente, estas construções têm sido estudadas por parte de lingüistas de orientação sincrônica e por alguns poucos de orientação diacrônica.²

As construções de tópico podem manifestar-se como em (3) e (4), do Português Arcaico e Contemporâneo, respectivamente, onde temos o tópico, em destaque, na posição inicial da sentença, e o comentário, que, por sua vez é expresso por uma sentença completa, com sujeito e predicado.

(3) "O poder(...), cadahũu per ssy o pode julgar."

(L.Cons.XV, cap. LXXVII, p.289,13-14)

O poder é o tópico da sentença, ocupa a primeira posição da mesma. O comentário "cadahũu per ssy o pode julgar" segue ao tópico e é constituído de uma oração, apresentando, neste caso, o sujeito expresso em posição inicial, e o pronome o retomando o tópico co-referencialmente.

(4) "Essa 'poesia da miséria e da dor', Consiglia a aproxima das canções dos negros americanos, dos gitanos da Andaluzia, dos 'mestiços do Brasil'."

(FSP,Séc.XX, 18/7/93, C.6,6)

O tópico no exemplo (4), do português contemporâneo, é "Essa 'poesia da miséria e da dor' ", sendo retomado pelo pronome co-referente a na oração que se segue, ou seja, no comentário.

Nem sempre o pronome co-referente está presente nas estruturas de tópico, conforme atestam (5) e (6):

² Decal (1989) e Puccini (1989)

(5) "Antre nojo e tristeza eu faço tal deferença..."
(L.Cons.XV,Cap.XXV,p.93,5)

(6) "Aos preguiçosos, ela alerta que a passividade é aliada das catástrofes."
(FSP,Séc.XX 19/7/93, C.4,5)

O termo tópico deriva do latim tardio "topicus" provindo do grego "topikós", significando "orig. relativo a lugar; relativo precisamente àquilo de que se trata"; no século XVIII, "assunto, tema". Não possuímos, no entanto, o percurso desse vocábulo ao longo da língua, pois conforme nos diz Mattos e Silva (1991:45), carecemos de dicionários de português arcaico: "Da mesma forma que não se possui uma gramática do português arcaico, a língua portuguesa não dispõe de um dicionário desse período. Para estudar o léxico de então, há fontes genéricas como os dicionários etimológicos, cujo objetivo fundamental é apresentar a origem das palavras, mas não seu percurso ao longo da história da língua".

Mais científicos e contemporâneos, os dicionários de lingüística apresentam-nos definições de tópico já bastante satisfatórias, mas ainda incompletas. Para Crystal (1988), "o tópico de uma sentença é a pessoa ou coisa sobre a qual se fala algo, enquanto que o que se falou a respeito desta pessoa ou coisa é o comentário".

É importante ressaltar que os dicionários de lingüística, ao definirem tópico, não dão importância à "posição" do termo, ou seja, a sua colocação no início da sentença, conforme mostramos em (3) e (4). Para definir essa posição de "destaque" do tópico, um outro termo é utilizado: topicalização.

Segundo Crystal (1988), topicalização é "um termo usado na SINTAXE

GERATIVA para indicar uma TRANSFORMAÇÃO que transpõe um CONSTITUINTE do meio ou final da CADEIA para a posição inicial. (...) A topicalização também ocorre quando um constituinte se desloca para a frente da sentença, para funcionar como TÓPICO (A resposta darei em um minuto)". Vê-se, portanto, que o constituinte topicalizado pode-se confundir com o tópico da sentença. Tal distinção irá se tornar mais clara à medida que a redação deste trabalho for se desenvolvendo.

Além de tópico e topicalização Crystal (1988) cita ainda tópico frasal. Utiliza-se desse termo para se referir à "sentença que introduz o tema do parágrafo".

Considerando, pois, que o estudo das construções de tópico se intersecciona com o da posição dos vocábulos, abordaremos na seção que se segue, a questão da ordem dos constituintes frasais em português e suas alterações, tal como enfocada pela gramática tradicional, pela gramática histórica e pelos lingüistas modernos.

1.1 A abordagem tradicional

Chamamos de tradicional à Gramática de herança greco-latina que tem tido sobretudo duas orientações: normativa e descritiva, muito mais normativa que descritiva, uma vez que impõe as regras de um padrão lingüístico havido como modelar (uso culto formal, sobretudo escrito).

As gramáticas tradicionais não fazem referência a "construções de tópico", nem à "topicalização" - tais conceituações surgem com a lingüística moderna. Fazem, no entanto, referência aos desvios da ordem, que são vinculados à

questão TÓPICO. Tais desvios são brevemente tratados pelos normativistas nas seções de estilística das suas gramáticas.

1.1.1 A ordem dos vocábulos em sentenças.

Sob uma perspectiva tradicional, observemos o que dizem os gramáticos sobre a variação de ordem dos constituintes frasais, tomando como ponto de partida a frase oracional, isto é, a que apresenta sujeito, verbo e complementos (SVC).

A "sintaxe de colocação" trata da ordem ou disposição dos termos na oração e das orações no período. São duas as ordens que podem presidir à frase constituída de sujeito, verbo e complementos (SVC): a ordem básica, "direta", "usual" apresenta a seqüência SVC, ou seja, tem-se em primeira posição na sentença o sujeito, depois o verbo e em seguida os seus complementos; a ordem "inversa" ou "ocasional" sai do esquema SVC, predominante na língua portuguesa. Nessas construções de "ordem inversa" a seqüência normal dos constituintes é alterada, podendo o verbo ou os complementos e adjuntos virem antes do sujeito. São construções normalmente consideradas pela norma culta como "desvios" e só são bem aceitas quando se quer pôr em evidência algum termo da oração.

De acordo com Bechara (1983:320), a "colocação" dos termos em uma oração "obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem psicológica e estilística". O autor afirma também que "sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. (...) Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e

consegue-se o efeito estilístico desejado".

Cegalla (1991:437) aponta como casos mais frequentes do emprego da ordem inversa, sublinhando os seguintes constituintes:

. Antecipação do sujeito da oração subordinada:

(7) "Os filhos, parece que envelhecem a gente".

. Antecipação do objeto direto:

(8) "Os exemplos, achou-os na História e em Itaguaí".

. Antecipação do objeto indireto:

(9) "De música todo o mundo gosta".

. Antecipação do predicativo (do sujeito ou do objeto)

(10) "Arquiteto do mosteiro de Santa Maria, já o não sou."

. Antecipação do adjunto adverbial:

(11) "Naquele país, ladrão não tem vez."

. Antecipação do verbo da oração subordinada:

(12) "Lembrava-se bem das notas, eram parece que verdes, grandes e frescas."

É importante notar que em algumas sentenças ocorre o pronome co-referente que retoma o elemento que está deslocado, como nos exemplos (8) e (10), em outras, não, como nos exemplos (9), (11) e (12).

Para Cegalla (1991) são as seguintes as causas que condicionam a

colocação das palavras, exigindo ora uma, ora outra ordem: "a ênfase e a afetividade, a clareza de expressão, a euforia, o ritmo e o equilíbrio da frase". Para o autor, na ordem inversa, alteramos a seqüência normal dos termos e cita Said Ali que diz: "a deslocação é anomalia, e a anomalia aguça a atenção do ouvinte."

Além de tratarem da alteração da ordem dos constituintes dentro da sentença simples, os autores observam que as orações em períodos compostos também podem ter sua ordem alterada. Ao se posicionar sobre a colocação das orações subordinadas, Cegalla (1991) nos diz que "as subordinadas adverbiais são as orações que gozam de maior mobilidade dentro do período, podendo, conforme o caso, vir antes, no meio, ou depois da oração subordinante." E exemplifica:

(13) "Se achar que não é bom , diga-o sem reбуço". (M. de Assis)

Cunha e Cintra (1985) consideram também essas inversões como de natureza estilística. Para esses autores, quando se quer enfatizar algum elemento de uma frase opta-se pela alteração da seqüência lógica dos termos da oração.

A respeito do pronome co-referente que retoma o elemento deslocado como nos exemplos (8) e (10), Cunha e Cintra (1985:294) fazem uma pequena referência em uma seção que chamam de "Emprego enfático do pronome oblíquo átono". Segundo os autores, esse emprego pode se dar quando o objeto direto e indireto são colocados em posição de destaque numa sentença. O pronome oblíquo átono é usado, então, para reiterar o objeto direto ou indireto colocado no início dessa sentença. E exemplificam:

- (14) "Verdades, quem é que as quer?"
- (15) "O meu avô, nunca o vi rezando".
- (16) "Se Paulo desejava mesmo escândalo e agitação, teve-os à vontade".
- (17) "Salas e coração, habita-os a saudade!".
- (18) "Ao pobre não lhe prometas e ao rico não lhe faltes".
- (19) "Ao médico e ao abade, fala-lhes sempre a verdade".

Cunha e Cintra (1985) não se estendem mais em discussões sobre esse "emprego enfático do pronome oblíquo átono". Mas pelo menos a ele se referem. Quanto aos demais autores citados, parecem ignorá-lo pois em suas gramáticas nem sequer abordam o assunto.

Conforme se pode observar, encontram-se nas nossas gramáticas tradicionais várias lacunas no que se refere à "ordem inversa". Os autores consultados sempre a definem como "apelativa e enfática", mas citam poucos exemplos e nunca os analisam convenientemente. Resta esclarecer muitos pontos que simplesmente nem levantam, tais como: a frequência com que ocorrem, a presença/ausência do pronome co-referente, o tipo de registro em que acontecem.

1.1.2 Pleonasmos e Anacoluto: "desvios" sintáticos.

Segundo a gramática tradicional, a "língua padrão"³ corresponde ao modo

³ Cabe à Gramática registrar os fatos da língua geral ou padrão, estabelecendo os preceitos de como se fala e escreve bem ou de como se pode falar e escrever bem uma língua. Bechara (1983:25)

de falar e escrever das pessoas de mais prestígio dentro de um grupo social. É a partir desse uso que a gramática estabelece normas que, no entanto, estão sempre sujeitas a desvios. Se este "desvio" for provocado pelo falante que -conhecendo as normas - desvia-se delas para conferir novidade e força expressiva à mensagem que está veiculando, tem-se o que tradicionalmente se costuma chamar de "figuras de linguagem".

Apresentaremos, em seguida, duas "figuras de linguagem", que são, no nosso entender, análogas às estruturas de tópico por nós analisadas, a saber, o anacoluto e o pleonasma.

Anacoluto e Pleonasma são conhecidas também como "figuras de sintaxe" ou "figuras de construção" que se desviam das "normas" para conferir expressividade àquilo que se quer dizer.

"Anacolútia" ou "anacoluto" vem do grego "anakòlouthos" e consiste em uma mudança abrupta no encadeamento gramatical do discurso, causada por troca de uma construção por outra, de modo que o princípio da frase não se conforma sintaticamente com o seu fim.

Apresentamos, no grupo de sentenças abaixo, ocorrências do que tradicionalmente tem sido chamado "anacoluto" pelas gramáticas do português:

- (20) No berço, pendente dos ramos floridos,
 Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que esse berço com todo o cuidado
 Cantando cantigas alegre embalava?"

(21) "Ums carabinas que guardava atrás do guarda-roupa, a gente brincava com elas, de tão imprestáveis".

(22) "Bom! bom! eu parece-me que ainda não ofendi ninguém!"

Os complementos sublinhados nas orações acima são, em geral, considerados "anacolutos" (Cf. Cunha e Cintra, 1985:612).

Passemos agora ao Pleonasma.

O termo "Pleonasma" tem a sua origem também no grego: "pleonasmós" é o emprego supérfluo de palavras e frases, cujo sentido já está expresso num dos elementos da frase ou cuja função já figura no contexto da oração.

Cunha e Cintra (1985:609) afirmam que quando o pleonasma é um objeto direto ou indireto torna-se costume colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal "o" ("a", "os", "as"). Dão-nos os seguintes exemplos:

(23) "As posições, conquistara-as umas após outras".

(24) "Paisagens, quero-as comigo".

(25) "Meu saco de ilusões, bem cheio tive-o".

(26) "Ao homem mesquinho basta-lhe um burrinho".

(27) "Ao pobre não lhe prometas e ao rico não lhe faltes".

(28) "A mim não me enganas tu".

Considerando-se, pois, o fato de que pleonasma e anacoluto são desvios que alteram a ordem dos constituintes frasais em português, verifiquemos que tipo de tratamento é dado a estas duas "figuras de sintaxe".

As gramáticas tradicionais não se detêm na análise do pleonasma e do anacoluto. Somente registram as suas ocorrências, reconhecendo que são construções que não apresentam uma perfeita coesão gramatical. São, para todos eles, "desvios" sintáticos pois fogem à ordem canônica em português: SVO (ou SVC).

Salientamos aqui algumas definições destas figuras de sintaxe:

Do anacoluto, sabemos que é uma figura onde se observa a quebra do contexto com a injunção de um pensamento solto fora do sentido, sem ligação com o resto. Para Mattoso Câmara Jr. (1985:49), "chama-se anacoluto ou FRASE QUEBRADA àquela em que a uma palavra ou locução apresentada inicialmente, se segue uma construção oracional em que essa palavra ou locução não se integra. O papel do anacoluto é pôr em relevo a idéia primordial que temos em mente, destacando-a como uma espécie de título do que vamos dizer. "O autor afirma que o uso do anacoluto foi comum no grego antigo e na nossa literatura clássica, mas que hoje é combatido pela "disciplina gramatical".

Compartilhando da mesma opinião, Gama Kury (1986:42) diz que essa "idéia primordial" não tem análise, pois é um termo antecipado que "fica desligado sintaticamente da oração". E observa: "Outras vezes, um termo antecipado fica desligado sintaticamente da oração, uma vez que, pela sua forma,

não pode ter a mesma função sintática da palavra que o relembra. A essa quebra na construção se denomina anacoluto e o termo que não se pode integrar sintaticamente não tem análise:

(29) ' A casa, não sendo grande, não podiam lá caber todos.'

(M. de Assis, DC, 341)

O advérbio lá é adjunto adverbial de lugar; a casa, termo a que o advérbio se refere, mas sem função na frase: é anacoluto. Analisa-se, contudo, a oração adjetiva de gerúndio, com matiz casual.

Quanto ao pleonasmo, temos:

"É o emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar ou enfatizar a expressão. " (Cegalla, 1989:520)

"...é a repetição, para fim expressivo, de termo já enunciado em determinada função sintática. " (Gama Kury, 1986:111)

"Pleonasm

o é a superabundância de palavras para enunciar uma idéia. A repetição da mesma palavra é um recurso de ênfase e, segundo a forma por que se disponha no período ou na oração, tem na retórica nome especial. Não é, porém, um pleonasmo. " (Cunha e Cintra , 1985:607)

"Pleonasm

o é o nome tradicional que se dá à redundância (...) no âmbito das palavras. É essencialmente motivado por uma intenção estilística e pertence às figuras de linguagem. " (Mattoso Câmara Jr., 1985:493)

Todos os gramáticos citados dão exemplos de pleonasmos encontrados na nossa língua culta, ou seja, em obras de escritores tanto do período mais antigo da língua portuguesa, quanto do moderno.

Cegalla (1989:520) cita de C.Castelo Branco:

(30) "Os impostos é necessário pagá-los."

A redundância se dá ao se querer dar destaque ou ênfase à idéia contida no objeto direto, colocando-o no início da frase como em "Os impostos" e depois repetindo-o através do pronome oblíquo "los".

(31) "Ao pobre não lhe devo" (Pleon. do obj.ind.) Bechara (1983:330) em Gama Kury (1986:111)

(32) "Estas palavras ainda AS ouvir Frei Vasco" (Herc., MC,30) apud Gama Kury (1986:111)

O objeto direto de ouviu se desdobra em "estas palavras" e "as" (pleonástico).

Considerado como um "caso particular" da sintaxe portuguesa, e que oferece dificuldades aos aprendizes, o pleonasma é assim definido por Chaves de Mello (1971: 112): "Não raro acontece que uma função sintática é expressa mais de uma vez, o que é, por assim dizer, de regra quando se começa a frase por objeto, direto ou indireto, ou pelo predicativo. Neste caso, analisar-se-á o termo repetido como elemento pleonástico ", conforme demonstra o exemplo (33) onde o a é objeto direto pleonástico.

- (33) ' Na primeira noite, que passei, na escada de S.Francisco, dormi-a inteira '.
(Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas, pag.283) a é o objeto direto pleonástico".

Ao se referir à questão da "ordem", Chaves de Mello (1971) afirma ser a sintaxe portuguesa "continuação histórica da sintaxe do Latim Vulgar e do romance. "Caracteriza a partir daí a ordem direta ou neutra e a ordem indireta ou marcada, "com realce para a expressão deslocada".

Podemos observar pelas definições e exemplos citados que pleonasma e anacoluto são construções que chamam a atenção dos estudiosos da língua por fugirem do padrão SVC. São construções que trazem traços de afetividade e são encontradas em diferentes registros, desde o escrito até o mais informal, o oral. Pode-se ainda afirmar que são estruturas que vão além da sintaxe.

1.2 A Abordagem Histórica

Serão examinadas nesta seção as principais observações contidas nas gramáticas históricas a respeito dos "desvios" sintáticos da língua portuguesa. Antes, porém, observemos o que nos diz Mattos e Silva (1991) sobre essas gramáticas.

Para Mattos e Silva (1991:45) as gramáticas históricas da língua portuguesa são manuais que somente apresentam fatos genéricos referentes à fase arcaica, esquecendo de mencionar as fontes e as variações documentadas entre os séculos XIII ao XV. São gramáticas que "seguem os moldes historicistas do século XIX", e que tratam das ' evoluções fonéticas ' e ' morfológicas ' que

ocorreram do latim para o português. Dentro desse modelo historicista, a autora situa as gramáticas de J.J.Nunes, E. Williams e I.L.Coutinho.

Ainda segundo a autora (1991:45) não possuímos uma gramática que possamos chamar de "gramática do português arcaico. Distingue, porém, a "Gramática do Português Arcaico" de Hüber (1933) que apesar de seguir os modelos historicistas das demais gramáticas, difere-se delas pois confronta o latim e o português arcaico. Além disso, segundo ela, "a gramática de Hüber ainda se destaca por ter um estudo de conjunto, embora restrito, sobre a sintaxe do português arcaico". A autora faz uma ressalva dessa gramática quando diz que a mesma não avança para "fases posteriores de história da língua, e, para tanto se baseia em um pequeno corpus apenso ao manual".

Destaca ainda Said Ali e sua "Gramática Histórica", onde "apresenta importantes informações e interpretações sobre a sintaxe arcaica". Ao se referir à "Sintaxe Histórica" de Epiphânio Dias, comenta que a obra "apesar de ser única para o português, não tem uma diacronia seriada, mas trata de fenômenos sintáticos ocorrentes ao longo da história da língua portuguesa sem destacar, com sistematicidade, o que é típico de cada momento ou fase histórica do português; em outras palavras, não explicita as sincronias possíveis nesse processo diacrônico".

Sem dúvida, tendo em vista a orientação que seguem as gramáticas históricas do português, já se pode observar que não devemos esperar grandes contribuições dessas sobre os "desvios" sintáticos da língua portuguesa, tanto no que diz respeito a estudos de sincronias passadas, como no que se refere a estudos de mudança lingüística. Sobre as construções sintáticas que fogem à ordem SVC, as nossas gramáticas históricas se limitam apenas a dar algumas

notas.

Em Sintaxe Histórica Portuguesa, Epiphânio Dias (1970:310) declara que "a colocação mais simples (quero dizer, sem emphase) das palavras na or., consiste em ir primeiro o sujeito com as suas pertenças, depois o predicado". A inversão dessa ordem neutra, básica é chamada por ele de "collocação emphatica". O autor, dá-nos, ainda, uma nota sobre essa "collocação" no "appendice à syntaxe" ao citar o pleonasma:

"Quando o complemento directo, que regularmente deveria ir depois do verbo, é transportado emphaticamente para o princípio da oração, representa-se novamente junto do verbo pelo pronome pessoal respectivo ou - no caso do compl. directo ser uma or. - pelo demonstrativo 'o':

(34) ' Alguns intentos que tive, abortou-m 'os a fortuna' (Vieira, VIII 518, ap., Blut.)

(35) ' Que a censura previa é inútil, os factos tem-nos sobejamente provado.' "
(Herc., Op., I.133)

Said Ali (1930) em "Meios de Expressão e Alterações Semânticas", diz do anacoluto:

"Resulta essa anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as idéias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma coisa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-

se a saída em outra direção".

Já J.J.Nunes (1945) apud Mattos e Silva (1991), não se ocupa da sintaxe em seu "Compêndio de Gramática Histórica portuguesa", limitando-se à morfologia e à fonética.

Para Cláudio Brandão (1963:809), os "desvios" sintáticos ocorrem sob o influxo de certos fatores psicológicos e constituem o objeto de estudo da "sintaxe figurada" das gramáticas ou "syntaxis ornata". São eles: "a anacolúcia ou anacoluto, a analogia, a braquilogia, a contaminação ou cruzamento, a haplologia, o pleonismo, a silepse, a discordância". Do anacoluto, diz ser uma anomalia bastante comum e não repugnada por escritores clássicos respeitáveis. Cita Camões, Luiz de Sousa, Vieira, Herculano, etc. Exemplifica, destacando-os. Apresentamos alguns:

(36) "Ó tu, a cujos reinos e coroa/Grande parte do mundo está ganhada,/Nós outros cuja fama tanto voa/...../te avisamos que é tempo que mandes/A receber de nós tributos grandes".

(Lus.IV,73)

(37) "Santo Antônio...abriu-lhe Deus um dia os olhos para que visse neste mundo o que nós não vemos".

(Vieira, Serm.2º,379)

(38) "O Duque... nenhuma paciência lhe bastava para temperar sua pena".

(Morais, Palmeirim, 1º, 113).

(39) "O teu auxílio neste assunto imploro".

(Filinto, Os Márt. 1o, vol.7º das Obras Completas, Paris, 1818)

(40) "Uma irmã não se lhe corta assim a a alma".

(R.da Silva, A moc.de D.João V, 2º, 203).

Assim justifica o autor (op.cit) o emprego das construções anacolúicas: "Nos períodos complexos e longos, o prosador às vezes, na pressa da composição, o orador na fluência do discurso, o poeta nos vãos da imaginação e nos arroubos do estro, desculpavelmente não atentam, como seria mais regular, no curso gramatical das suas idéias e rompem, por isso, o encadeamento normal e lógico das mesmas, do que resulta um anacoluto. Este, entretanto, pode muitas vezes ser intencional, para se dar efeito mais intenso à frase, ou para exprimi-la com maior clareza, relevo e elegância (anacoluto retórico). É o caso de não poucas construções anacolúicas de alguns autores gregos e latinos (Tucídides, Platão, Xenofonte, Demóstenes, Cícero, Salústio, T.Lívio e outros), e bem assim dos nossos grandes clássicos, segundo o confirmam os espécimes acima exibidos".

Analisando os exemplos arrolados por C. Brandão observamos a ocorrência, em grande parte desses, do pronome clítico átono ou pronome co-referente. No entanto, o autor não faz nenhuma nota a seu respeito. No decorrer de nossa análise voltaremos a esse assunto.

Ao se referir ao pleonasma, C. Brandão (1963:827) diz ser este "comum tanto na linguagem popular, como na culta. Nesta, as mais vezes, aparece ele como um dos modos de dar à frase maior vigor, clareza ou relevo, tornando-se então prestadio instrumento do estilo." Dentre os vários exemplos apresentados,

citamos:⁴

- (41) "... pelas águas úmidas caminha."
(Lus., VIII,48)
- (42) "Ao outro dia seguinte pela manhã nos partimos deste ilhéu de Cingáú".
(M.Pinto,Peregr., C.19).
- (43) "Os lamentos e os gritos das mulheres, esses as descobriram".
(Freire, D.João de Castro, VI, 6,229).
- (44) "A um amigo três vezes vencido quem não terá esperanças de o vencer?
(Vieira, Serm., 3º,5).
- (45) "Os sinos mandou-os para a sua grande mesquita de Córdoba."
(Castilho, Q.Hist.,2º,18).
- (46) "O mundo das Visões cria-o a mente pura do poeta."
(Herc., Eur.,38)

Hüber(1993:283) também está de acordo com os demais autores, não deixando de privilegiar a ordem SVO. Sobre a colocação enfática diz: "Em regra, o complemento nunca vem no início da oração. Para lhe dar realce, não há, portanto, meio mais apropriado do que colocá-lo justamente no início da oração. Porém como no substantivo português não há distinção entre nominativo (sujeito) e acusativo (complemento), é a mesma expressa por meio de ordem das palavras: Se o nome vem antes do predicado, é sujeito; se vem depois do predicado, é complemento".

⁴ Grifos do autor (sublinhando os objetos pleonásticos)

Sobre o uso do pronome clítico, o mesmo autor considera que ele se faz necessário porque "não se pode simplesmente fazer com que o sujeito e o complemento troquem de lugar" sem alterar a clareza da frase. É necessário repetir o complemento sob a forma de pronome: "é esta a regra do português moderno e é já a que se encontra no português antigo. "E exemplifica:³

(47) "Teus comeres guarda-os pera ty".(Fab.12)

(48) "O conselho já o eu filhe (CA.4195)

Registra, também, o emprego do complemento antes do predicado sem a repetição do pronome:

(49) "Unha verdade vos direi"(CD.309)

Tratando também da ordem das palavras no português arcaico, mas mostrando uma preocupação maior com a "intenção" do usuário da língua, Pádua (1960) demonstra que a "colocação das palavras numa frase está intimamente ligada com a vida espiritual dos indivíduos", traduzindo assim a língua como instrumento com o qual as pessoas lidam conforme suas intenções.

A autora considera indispensável a "situação" exterior em que surge determinada frase, como o "ambiente e as causas que nela podem actuar". Aponta como causas que determinam a colocação das palavras fatores gramaticais (fonéticos, morfológicos e sintáticos), artísticos e psicológicos.

Referindo-se ao fator gramatical de carácter morfológico diz, por exemplo,

⁵ Grifões do autor

da posição dos advérbios, mais precisamente da sua extensão: "...alguns advérbios de modo podem ter uma certa extensão e, por isso, serem retirados para o final. Em oposição a eles, teremos os advérbios de lugar (ali, cá, lá, etc) ou de tempo (já,etc), para sugerir apenas alguns, de constituição muito curta e por isso capazes de ocuparem um lugar diferente.(...) Quanto ao todo que formam, sintacticamente, várias palavras no desempenho da mesma função, verifica-se igual fenômeno. Determinada circunstância, por exemplo, pode ser apresentada por um advérbio, por uma locução adverbial, ou por várias palavras em unidade de sentido, regidas por um advérbio ou por uma preposição (complementos de lugar, de companhia, etc). Os factos são idênticos - varia a extensão, varia também a colocação na frase. A forma pode, portanto, exercer a sua influência na ordem das palavras".

Já os fatores artísticos surgem, segundo a autora, da necessidade de se conseguir efeitos especiais nas criações literárias. "Encontramos assim construções paralelas, repetições, marcando o desejo de insistir sobre qualquer representação, intelectual ou afectiva; encontramos, outras vezes, construções cruzadas, fazendo salientar noções opostas. (...) Outras vezes, há mudanças bruscas na continuidade da frase, e aparecem, então, os anacolutos que parecem retratar um pensamento desordenado, continuamente impressionado por dados novos que o fazem desviar-se e mudar de objecto".

Quanto aos fatores psicológicos, considera, sobretudo, o aspecto afetivo que repercute sobre a colocação das palavras na frase, variando de lugar, conforme a natureza dos sentimentos primários que as condicionam. "Um aspecto muito importante a encarar é o desejo de pôr em destaque determinada parte da frase, sobre a qual deve cair a atenção. A melhor maneira de o conseguir é retirar essa parte da oração do seu lugar habitual".

Levando em conta essas considerações, analisa a posição do sujeito, do verbo e do complemento em frases de verbo transitivo, encontrando seis possibilidades diferentes de colocação - SVC, SCV, VSC, CSV, VCS, CVS. O "corpus" com o qual trabalha consta de variados textos arcaicos, séculos XIV e XV, confrontados com o latim e o português contemporâneo.

Já descrevendo especificamente o português trecentista, Mattos e Silva (1989) estuda a ordem dos constituintes no enunciado e analisa seis tipos de estruturas coletadas nos "Diálogos de São Gregório": SVC, SCV, VSC, VCS, CVS e CSV em 289 sentenças. A autora observa que a ordem SVC é a mais freqüente nos seus dados e a ordem em que o sujeito sucede o verbo é a mais marcada quando o complemento representado por sintagma nominal antecede este verbo. De acordo com a sua análise a ocorrência das seis ordens é possível, ou melhor, estas foram documentadas nas completivas nominais e circunstanciais.

Ainda sobre o português antigo, pesquisando a topicalização em Cantigas de Amigo do século XIII, Puccini (1989) seleciona os casos de pleonasma e inversão ao descrever e explicar a variação frasal no galego-português.

Baseando-se no conceito de DISCURSO (discurso=unidade significativa) apresentado por Possenti (1988), a autora afirma, observando os aspectos "forma" e "conteúdo" dessas "cantigas", que estes não podem se isolar, uma vez que coexistem. Conclui que a variação no "corpus" por ela analisado não ocorreu apenas a nível sintático, na forma, mas também no conteúdo. E declara: "Ora, depois da análise dos casos observados, podemos afirmar que a variação não ocorreu apenas a nível sintático, na forma. O que percebemos, sobretudo, foram

os efeitos dessa variação, o conteúdo, como recurso altamente subjetivo e, acreditamos, fruto da escolha e trabalho do autor, dentre as várias possibilidades de que ele dispunha para se manifestar".

Do que foi exposto, podemos dizer que os autores que se ocuparam do estudo do português arcaico não se dispuseram a estudar exaustivamente o problema da ordem.

Assim como as tradicionais, as gramáticas históricas portuguesas se limitam a determinar a ordem das palavras em "ordem normal" e "desvios". Para todas elas, o "desvio" sintático é utilizado como recurso enfático, quando se quer conseguir algum efeito especial. Apesar da pequena relevância atribuída a esses "desvios" pelos gramáticos, sabe-se que o fenômeno é muito freqüente na nossa língua, não se restringindo à língua oral. No que diz respeito aos pronomes co-referentes poucos autores a eles se referem.

Distinguindo-se dos demais, destacam-se os estudos de Pádua (1960), que trata da colocação das palavras frente à "intenção" do usuário; de Mattos e Silva (1989), que contribui com um trabalho de cunho empírico, descritivo, e de Puccini (1989), que à luz da noção de "Discurso" analisa Cantigas de Amigo do século XIII. Todos esses contribuem para o estudo da ordem das palavras no português arcaico pelo fato de trabalharem com dados históricos, registrando estruturas de Tópico já na fase galego-portuguesa da história da nossa língua.

1.3 - Uma visão atual do problema

Privilegiando a língua oral, a lingüística moderna tem estudado mais exaustivamente os "desvios" sintáticos da língua portuguesa. As figuras de

sintaxe, pleonasma e anacoluto, assim como a inversão da ordem básica são vistos pelos lingüistas contemporâneos como mais do que uma variação na ordenação dos constituintes na frase, merecendo, pela primeira vez, ser estudados sem uma visão preconceituosa, passando a figurar no corpo de seus trabalhos e não à margem nos apêndices das gramáticas.

Nesta seção observaremos a contribuição dada à questão "tópico" por parte de alguns estudiosos. Apresentaremos os resultados dos trabalhos de Pontes (1987), Braga (1986) e Decat (1989).

1.3.1 - "O tópico no português do Brasil".

Em O Tópico do Português do Brasil, Pontes (1987), baseada em Givón (1977 e 1979), abre caminho para o estudo de estruturas que a gramática até então não privilegiava, estudando uma série de construções de tópico em sentenças do português coloquial. Mostra-nos que estas estruturas não são raras e que fazem parte de muitas construções sintáticas de nossa língua. A autora assim define TÓPICO:

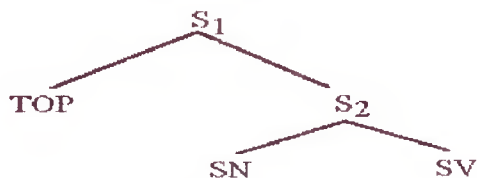
"Em português e muitas outras línguas, o tópico é marcado pela posição na sentença, que é a primeira; pela ocorrência, muitas vezes, do pronome anafórico ao tópico; pela entonação, que ainda não foi descrita, sendo freqüente (embora não obrigatória) uma quebra entonacional depois do tópico".

E exemplifica:

(50) "Aquele livro , eu coloquei ele na estante agora mesmo". (Pontes:1987:44)

Sentença essa que os transformacionistas assim retratam:

(51)



"S₁ é a sentença maior, que é formada de Tópico e Comentário. O Comentário, por sua vez, é expresso por uma sentença completa, com sujeito e predicado".

Em seguida, tratando dos tipos de constituintes que podem ser tópico em português, dá exemplos de sentenças em que o tópico corresponde a diferentes funções sintáticas, citando:

a) Objeto indireto:

(52) "Meu cabelo desta vez eu não gostei nem um pouco".

(...)

b) Objeto direto:

(53) "A Belina o Hélio levou prá oficina".

(...)

c) Adjuntos Adnominais (...)

(54) "Esse negócio o prazo acaba".

(...)

d) Complemento nominal:

(55) "Isso aí eu tenho dúvida".

e) Adjunto circunstancial:

(56) "Qualquer elemento você pode fazer isso. (com...)".

f) Adjunto Predicativo (ou sujeito?):

(57) "Banana ouro é a única banana que eu gosto".

g) Sujeito:

(58) "Essa competência ela é de natureza mental".

São esses os SNs que nos são apresentados pela autora. Ela nos explicita dessa forma um aspecto não referido pelas GTs: os constituintes - tópicos são sintagmas nominais. Afirma, outrossim, que "em português qualquer SN pode ser tópico" (Pontes 1987:18), uma vez que as construções de tópico são tão freqüentes na nossa língua, quanto as construções sem tópico. Justifica, assim, a importância de analisarmos estas estruturas do português.

Observaremos a seguir: as características do tópico, o pronome co-referente, a diferença entre topicalização e deslocamento para a esquerda.

1.3.1.1 - Características do Tópico

Baseando-se na classificação de Li & Thompson (1976), Pontes (1987:19/55) apresenta para as construções de Tópico em relação ao sujeito as seguintes características:

a) Definição - O tópico é sempre definido, o sujeito não necessariamente: "Os exemplos de tópico encontrados não só são definidos, como também é notável a grande incidência de demonstrativos nos SN's tópicos".

b) **Relações Selecionais** - O tópico não precisa ter "relações seletivas" com o verbo, o sujeito precisa tê-las. "Só não se verifica esse fato nas orações em que o tópico é idêntico ao sujeito, que são a minoria".

Observa-se ainda que o verbo determina o sujeito, mas não determina o tópico:

"Segundo L & T, pode-se prever de um determinado verbo com que sujeito ele vai ocorrer (...). Já o tópico não tem nada a ver com o verbo. Sua seleção é independente do verbo". (1987:20)

c) **Papel funcional** - O tópico é o centro de atenção nas sentenças". Ele anuncia o tema do discurso. Já o sujeito pode ser "vazio" semanticamente.

d) **Concordância verbal** - É uma concordância rara a de tópico com verbo: Ela só é comum quando o sujeito e o tópico são os mesmos numa sentença.

e) Quanto à posição, o tópico nem sempre vem em "posição inicial na sentença". Para L & T a posição inicial de tópico está ligada à sua função no discurso: se ele anuncia o tema do discurso, é natural que ele venha primeiro.

f) Como os processos gramaticais são internos à sentença, eles são dependentes do sujeito, não do tópico. Esse último é dependente do discurso.

1.3.1.2 - Co-referente, "pronome-cópia" ou pronome anafórico.

Pode-se chamar "pronome-cópia" ao pronome co-referente ao tópico que

ocorre na sentença comentário. Entretanto, a terminologia mais comumente empregada pelos lingüistas é "pronome-anafórico". No seu Dicionário de Lingüística e Gramática, Mattoso Câmara (1977) define "anáfora" como "qualquer referência a um termo já constante do contexto". Para ele, "há anáfora, em vez de dêixis(v.), no uso dos pronomes (v.), quando, em vez de uma indicação no espaço, há uma referência ao contexto". Segundo o autor, "como figura de sintaxe, a anáfora é uma iteração (v.pleonasmo), que consiste na repetição de termos no início de cada membro sucessivo de frase; é um recurso estilístico para dar mais realce ao pensamento".

Nos seus estudos, Pontes(1987) observa que "quando o tópico é idêntico ao sujeito da S comentário, a ocorrência desse pronome é bem maior do que nos casos em que o tópico é co-referente a outros elementos de S comentário", ou seja, a ocorrência do "pronome-cópia" é maior quando o tópico é sujeito.

Chamamos aqui a atenção para uma das características típicas das línguas de tópico que é o "controle de co-referência". Em uma língua Tp, segundo L & T, é o tópico e não o sujeito que controla a co-referência. Eis um exemplo do Mandarim:

(59) ' Aquela árvore (tópico), as folhas são grandes, por isso eu não gosto (dela). '

No exemplo acima, dizem os autores citados, "o objeto elidido só pode ser entendido como referindo-se ao tópico (árvore) e não ao sujeito, ' folhas ' ".

Em português, observa-se que o controle da co-referência fica também com o tópico, tanto nos casos de co-referência marcada por pronome, quanto nos

casos marcados por supressão.

(60) " E o Flávio, que será que ele fez com a flauta dele?"

A autora ainda cita casos em que o que controla a co-referência não é o tópico da Sentença, mas o tópico do discurso. E exemplifica:

(61) "Cê acredita que aqueles cem cruzeiros que eu dei pra ele outro dia, ele sumiu com o troco?"

Em (61) o tópico é "cem cruzeiros" e os pronomes se referem à pessoa da qual se estava falando antes (o tópico do discurso), ' ele '. Por isso, acredita-se que "na interpretação dos pronomes e das elipses nesses exemplos vai pesar muito o conhecimento do mundo (pragmática)".

1.3.1.3 - Topicalização e deslocamento para a esquerda.

Costuma-se distinguir, entre as construções de tópico, aquelas que são geradas através de uma regra de Topicalização (Top) das que o são através de uma regra de Deslocamento à Esquerda (D.E.). "Esta distinção foi estabelecida por Ross (1967), com dados do Inglês que se baseia essencialmente no fato de que, em D.E., aparece um pronome que ele chama de cópia e, em Top., esse pronome não aparece". Para o português, Pontes constata que tal distinção nem sempre é simples de ser estabelecida.

O primeiro problema que apresenta diz respeito à opcionalidade do pronome - na língua portuguesa a elipse do pronome é bem mais livre do que em inglês - que permite que tenhamos sentenças como:

(62) "Aqueles livros da coleção SS, eu comprei um deles por 40 dólares".

E, a mesma S sem o pronome:

(63) "Aqueles livros da coleção SS, eu comprei um por 40 dólares".

A elipse em português é sempre possível quando não há prejuízo do significado da sentença. Devido a isso, as gramáticas consideram o pronome que ocorre na construção de tópico como um pleonasma e recomendam que ele seja evitado.

A opcionalidade do pronome faz com que haja duas possibilidades de análise transformacional para essas construções de tópico. São elas:

a) que exista uma construção só, sendo o pronome opcional. Sua ocorrência seria devido a fatores como: eliminar ambigüidades, tornar mais claro o sentido;

b) que existam duas construções diferentes, com o pronome sendo opcional numa e na outra, ausente, ou seja:

- Top. não tem pronome.

- D.E. tem pronome, mas este pode ser elidido.

Entretanto, quando acontece a elisão, é difícil saber se S tem uma ou outra análise. É difícil saber se se tem em (63) TOP ou D.E., pois o pronome é opcional. Portanto, a situação do português não é a mesma do inglês.

Não é fácil distinguir duas construções tópicas na língua portuguesa com base da presença ou ausência do pronome, porque não se encontra uma diferença nítida entre as Ss com pronome e as Ss sem pronome.

O segundo problema apresentado é que nem todas as construções podem ser explicadas por movimento, como:

(64) "Essa minha barriga, só jejum".

Além desses problemas, essa distinção não dará conta da presença de certas expressões anafóricas, advérbios e demonstrativos funcionando como co-referentes das construções de tópico.

Quanto às construções de Tópico em língua escrita, a autora (1987:54) faz a seguinte observação:

"A topicalização é muito mais comum na língua escrita do que o D.E. Basta uma observação superficial de qualquer texto, oral ou escrito, e encontraremos uma quantidade de inversões de objeto, adjuntos adverbiais e outros sintagmas".

1.3.2 - O tópico sob uma perspectiva diacrônica.

Dando seguimento aos estudos de Pontes (1987), fundamentada nas postulações de Weinreich, Labov e Herzog (1968), especialmente Labov (1982), sobre a questão da mudança lingüística, Decat (1989), baseada em dados de língua escrita, analisa diacronicamente estruturas de tópico em seu estudo intitulado "Construções de Tópico em Português: uma abordagem diacrônica à

luz do encaixamento no sistema pronominal".

Nessa pesquisa, a autora, orientando-se pela teoria da Variação e da Mudança Lingüística (Labov:1982) - que procura fornecer explicações para "possíveis mudanças" como também para as "possíveis condições" dessas mudanças - procura detectar o "encaixamento" das construções de tópico no ambiente lingüístico interno, isto é, observa que fatores lingüísticos se apresentam como condicionadores e caracterizadores da mudança, que consiste na reinterpretação do Tópico como sujeito, conforme demonstram os exemplos abaixo:

(65) "Essa casa bastante sol." (Pontes, 1987:24)

(66) "Minhas gavetas não cabem mais nada." (Decat, 1983:21)

onde "essa casa" e "minhas gavetas" são construções de tópico e se identificam com o sujeito da sentença, fazendo até mesmo a concordância verbal. São estruturas muito freqüentes no português atual, mas inexistente nos seus dados históricos, o que a leva a afirmar que as construções de tópico apresentadas acima podem ser caracterizadas como uma possível mudança sintática, uma vez que parecem ser construções recentes na Língua Portuguesa.

Para definir CT, ela segue a fórmula dada por PRINCE(1980)

		X ₁	...	X ₂	...
S	SN		SN		

Onde:

x₁ será o tópico

x_1 e x_2 têm de ser co-referenciais

x_2 tem de ser ou uma lacuna (anáfora zero/categoria vazia) ou um pronome co-referencial.

Para análise, os seus dados se dividem em CTs-sujeito e CTs-complemento. Considera-se, no caso das CTs-complemento, como relevantes:

- a) A ocorrência de SN-sujeito em posição pré-verbal, alternando-se com sua ausência (\emptyset);
- b) A posição do co-referente em relação ao verbo;
- c) A ocorrência de SN sujeito posposto ao verbo, tendo havido, ou não co-referente à CT-complemento.

Para as CTs de sujeito, observa-se:

- a) A presença/ausência de elemento co-referente realizado por pronome pessoal; nesse caso a co-referência se estabelece através de pronomes indefinidos, demonstrativos e mesmo por um numeral.

Em ambos os casos, a co-referência dá-se com o núcleo do SN ou com algum modificador do núcleo da CT - um S.Prepos., por exemplo.

Os dados utilizados pertencem aos séculos XVIII, XIX e XX (1ª metade), extraídos de correspondência (oficial e pessoal) e diários. De um total de 244 textos analisados, detectaram-se 99 construções de tópicos.

1.3.2.1 - O "encaixamento" da mudança.

"Embedding", "encaixamento" em português, é o termo utilizado por Labov(1982) para designar o encadeamento de mudanças, ou seja, as "perdas" e "ganhos" fonéticos, morfológicos e/ou sintáticos que ocorrem nas estruturas de uma determinada língua.

Pressupondo que nenhuma mudança ocorre por acaso, mas pressionada ou marcada, por outros fatores no sistema, são levantadas, nesse estudo, três questões a partir da observação e descrição das CTs encontradas no "corpus" examinado, explicitadas abaixo: a questão dos clíticos, a questão da ordem dos constituintes e a questão da mudança de Tópico para sujeito-essa última questão se encaixa no sistema de clíticos e no de ordenação de constituintes, isto é, no que se refere à posição de SV nas CTs-complemento.

a) A questão dos clíticos.

A partir dos dados históricos utilizados, observa-se que a taxa de frequência de ocorrência dos clíticos como co-referentes das CTs decresce chegando quase a desaparecerem na segunda metade do século XX. A queda maior dessa ocorrência vai começar a ser notada a partir da 2ª metade do século XIX. Nas construções de tópico do português atual, vê-se uma maior ocorrência de não-clíticos como co-referentes. Apresentamos a seguir o quadro de "ocorrência geral de clíticos":

QUADRO 1: Ocorrência geral dos clíticos

Séc. XVIII		Séc. XIX		Séc. XX
1ª met	2ª met	1ª met	2ª met	1ª met
66/200	53/200	54/200	37/200	40/200
33,0%	26,5%	27,0%	18,5%	20%

(Decat, 1989:121)

Nesse quadro, observa-se um decréscimo constante da ocorrência de clíticos. Nota-se uma queda maior na ocorrência a partir da segunda metade do século XIX.

Segundo a autora, se se assumir as postulações de Galves (1987), Tarallo e Kato (1989), pode-se "suspeitar" que esse decréscimo dos clíticos denote "uma sintaxe brasileira distinta da sintaxe portuguesa (pelo menos no que diz respeito a esse aspecto)". No quadro 2, observa os casos em que a co-referência se dá com CTs-complemento, isto é, em 50,7% dos casos por ela registrados.

QUADRO 2: Ocorrência de co-referentes com CTS - complemento

Séc. XVIII		Séc. XIX		Séc. XX
1ª met	2ª met	1ª met	2ª met	1ª met
3/5	20/30	7/13	4/17	2/6
60,0%	66,6%	53,8%	23,5%	33,3%

(Decat, 1989:122)

Por esses dados do quadro 2, comprova-se que há uma queda significativa da ocorrência de co-referente com CTs a partir da segunda metade do século XIX, não mais totalmente recuperada nos períodos seguintes.

Apesar da queda na frequência da co-referência, a autora observa que quando essa co-referência se dá com CTs-complemento, a taxa de ocorrência de

clíticos aumenta. Nos seus dados isso ocorre na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, conforme atesta o quadro abaixo:

QUADRO 3: Ocorrência de clíticos com CTS - complemento com co-referente.

Séc. XVIII		Séc. XIX		Séc. XX
1ª met	2ª met	1ª met	2ª met	1ª met
2/3	15/20	6/7	4/4	2/2
66,6%	75,0%	85,7%	100%	100%

(Decat, 1989:123)

De acordo com a autora, duas conclusões podem ser tiradas da questão dos clíticos:

a) a tendência da língua a perder o sistema de clíticos, suprimindo-os e substituindo-os pelos pronomes tônicos, explicação tomada a Galves, Tarallo e Kato (1989).

b) o funcionamento das CTs como 'gatilho' desencadeador de co-referência, preferindo, nesse caso, manifestar essa co-referência através de clíticos, o que pode ser devido à própria natureza dos dados diacrônicos, todos de língua escrita.

Para justificar a manutenção dos clíticos juntos às CTs, a autora explica que como as CTs alteram a ordem dos constituintes, a presença dos clíticos se faz necessária para tornar visíveis as funções sintáticas.

b) A questão da ordem dos constituintes.

O estudo em discussão relata que há nos dados históricos analisados uma grande alternância na ordem dos constituintes e que isso poderia se apresentar

"como um contra-argumento à classificação do português como língua 'consistentemente' SVO". Segundo a autora, nos seus dados, as construções de tópico provocaram inversão de ordem, originando inclusive a ordem OVS. Decat diz, retomando Vennemann (1974), que "na movimentação da língua em direção a um tipo ideal de ordenação de constituintes, o português dos períodos anteriores se enquadraria numa fase intermediária TVO(tópico-verbo-objeto) entre a ordem SOV do latim e SVO das línguas românicas". De acordo com este autor a pressão do sistema seria suficiente para que a língua iniciasse uma mudança lingüística que iria colocá-la num ou noutra tipo.

A autora afirma também que os clíticos estão diretamente ligados à questão da ordem dos constituintes. Eles permitem às sentenças uma maior liberdade quanto à ordem dos sintagmas."À medida que se foi processando o desaparecimento da morfologia de caso e a supressão de clíticos, a ordem de constituintes foi-se tornando mais rígida, chegando ao ponto de ser, ela própria, um marcador de função sintática".

c) A questão de reanálise: efeito da mudança no sistema.

O encaixamento estrutural é evidenciável quando se pode surpreender casos de mudanças em cadeia, isto é, uma determinada mudança provocando várias outras e culminando numa nova análise da língua ou em Reanálise:

A reanálise é definida por Lightfoot (1979) como "uma mudança sintática genuína que afeta as regras de base de gramática.(...) Examinam-se as reanálises cujo efeito foi eliminar a opacidade derivacional em certas áreas de gramática, e então procura-se determinar o grau de opacidade mantido durante a fase de reanálise. Explicam-se as reanálises em termos de um princípio da gramática que

se manifesta através da mudança diacrônica. Isto é, examinando-se os pontos em que uma gramática é levada a uma reorganização terapêutica, infere-se algo sobre os limites para as gramáticas possíveis. Isto envolve dois pressupostos, um dos quais parece ser bem fundamentado, enquanto o outro é um pouco especulativo. O primeiro pressuposto é de que as gramáticas praticam terapia não profilaxia. Ou seja, podem acontecer mudanças que, ao mesmo tempo que talvez tenham um efeito terapêutico em uma área da gramática, contribuíram para opacidade derivacional em todo o resto.(...) O segundo pressuposto é de que essas reanálises terapêuticas acontecem somente quando necessárias e não arbitrariamente. Ou seja, elas acontecem somente quando provocadas por algum princípio da gramática, como a transparência(...). O princípio da transparência representa uma generalização indutiva, resultante do exame de várias reorganizações radicais das gramáticas".

Segundo Decat, o aspecto mais importante nessa questão da reanálise é verificar o que a proporcionou, ou seja, quais as condições lingüísticas que propiciaram essa mudança, e como "se processou essa transição através de sucessivos momentos da língua". Com base nas postulações apresentadas, a autora conclui que uma das "possíveis condições" ("causas") para a configuração atual das CTs, como em "Meu Cabelo eu não gostei nem um pouco(dele)" que se diferencia das CTs encontradas no português dos séculos XVIII e XIX como "o corpo dos ministros achei-os em uma tal desunião, uma intriga entre si"(...), é a mudança de clíticos com o enfraquecimento da morfologia de casos, os clíticos desapareceram, foram sendo substituídos por pronomes tônicos (retos), o sistema se reorganizou e as suas categorias passaram a ser reinterpretadas de acordo com a ordem dos constituintes, que definirá a função sintática. "Assim, a mudança de clíticos causou pressão numa outra parte do sistema geral da língua - o da ordenação de constituintes - dando origem à reinterpretação das CTs, o que

significa que se pode pensar a motivação da reanálise como causa interna, distribucional".

Empregando, então esta concepção de reanálise, a autora apresenta o seguinte ambiente sintático, como favorecedor de mudanças Top>Suj:

(i) T Ø V X

(em que T=tópico, Ø corresponde à ausência do sujeito e X a qualquer constituinte pós-verbal). Tal ambiente estrutural é apresentado como "opaco" (cf. Lightfoot, 1979), quanto à função sintática de T, que, como já se colocou, é um SN, e, sendo contíguo ao verbo, já que o sujeito é uma lacuna, pode ser reanalisado como o sujeito da oração.

1.3.3 - Perspectiva discursiva

Investigando construções de tópico no discurso oral de falantes cariocas, Maria Luísa Braga(1986) checa a aplicação da metodologia da teoria da variação (Labov:1972) a fenômenos discursivos. Braga demonstra-nos que as motivações das CTs são de "caráter eminentemente discursivo" influenciadas por fatores psicolinguísticos e semânticos.

A autora estuda construções de tópico envolvendo objeto direto e objeto indireto, sem pronome co-referencial - pois constatou que esses raramente ocorriam na sua amostra - e construções de tópico envolvendo sujeito, com pronome co-referencial. Considera as variantes sexo, faixa etária, grau de educação, moradia (local e bairro).

Para a análise de CT-objeto direto, investiga quatro grupos de variáveis condicionadoras: categoria gramatical do SN mais à esquerda, presença de constituintes pós-verbais, presença de sujeito, status informacional do referente do SN mais à esquerda. Considera ainda os contextos e funções discursivas. Observa, após a análise do corpus que os quatro grupos de variáveis não constituem condicionadores das CTs no sentido estrito da palavra e nos mostra que as motivações das CTs são de caráter eminentemente discursivo.

Nas CTs envolvendo objetos indiretos, a autora encontra resultados semelhantes às CTs-objeto direto, concluindo que "tal identidade de fatores motivadores e de funções/contextos discursivos autoriza-nos a concluir que se trata de uma única regra a envolver ora um, ora outro constituinte".

Analizando as construções de tópico envolvendo sujeito (CT-suj.), demonstra que essas decorrem de uma interação entre fatores psicolinguísticos, semânticos e discursivos. Prevê também que "as chances de ocorrência de um pronome co-referencial são maiores se o seu sujeito é "longo", apresenta o traço (+ animado) e se há material lingüístico interveniente entre este e seu predicado".

Quanto às variáveis sociais, demonstra que a sua contribuição é praticamente nula no caso de CTs-objeto direto, onde se tem um maior número de dados: "Elas são imunes ao sexo, idade, ou, escolaridade do locutor".

Por último, afirma que deve-se ser prudente na aplicação da teoria da variação a fenômenos discursivos: é importante conhecer, primeiro, a estrutura do discurso para, posteriormente, reavaliar a possibilidade da abordagem variacionista.

1.4 - Para concluir

Neste capítulo, procuramos fornecer um panorama das questões que envolvem direta ou indiretamente as estruturas de tópico na língua portuguesa.

Examinando gramáticas tradicionais, históricas e trabalhos orientados pela lingüística moderna, observamos que tanto as gramáticas tradicionais, quanto as históricas (destacando aqueles autores já citados), embora ricas em material empírico, apresentam os fatos de forma muito atomística na apresentação e antiquados nas interpretações. Já, inteirando-se das contribuições metodológicas do estruturalismo, da análise do discurso e dos estudos de variação lingüística, os estudiosos contemporâneos têm contribuído bastante para melhor elaboração da questão tópico.

Constatamos que a maior parte dos trabalhos publicados sobre as construções de tópico em português se concentram em nível sincrônico, como Braga (1986) "Construções de Tópico de Discurso" e os vários artigos de Pontes (1987) em O Tópico no português do Brasil. Este último, apesar de predominantemente sincrônico, lança a semente para discussões diacrônicas, em especial os capítulos I, IV e VII. Tratando dessas construções sob uma outra dimensão, a discursiva, vimos apenas Puccini (1989), que trabalha com dados do século XIII, e, finalmente, Decat (1989), com os séculos XVIII, XIX, primeira metade do XX e com o português contemporâneo, numa perspectiva diacrônica. Nada foi estudado sobre o tema que envolvesse os séculos XIV, XV, XVI e XVII, a não ser alguns registros de ocorrências da ordem CVS e CSV (cf. Mattos e Silva(1989) e Pádua(1960)), quando se tenta descrever a disposição dos sintagmas nos vários enunciados da língua portuguesa.

Portanto, a questão "tópico" não se esgota nestes trabalhos. Há ainda, muitos pontos obscuros nas análises propostas. Tentaremos contribuir para o tema, analisando estruturas de tópico de dois períodos bem distanciados da Língua Portuguesa: o português do século XV e o Contemporâneo. Apresentaremos a seguir, o "corpus" que servirá de base ao presente trabalho. Em seguida, nos capítulos 3 e 4, apresentaremos, a análise dos dados do Português Arcaico e do Português Contemporâneo, nessa ordem.

CAPÍTULO 2

O CORPUS

2.1 - Preliminares

O nosso "corpus" se divide em antigo e moderno. Conseqüentemente, fizemos dois cortes sincrônicos - o Português Arcaico do século XV e o Português Contemporâneo do final do século XX, ano de 1993 - a fim de analisarmos estruturas de tópico da Língua Portuguesa. Para definir melhor o que queremos dizer com "cortes sincrônicos" citamos Mattos e Silva (1991:51):

"Para uma gramática diacrônica do português, são etapas preliminares gramáticas sincrônicas de estados passados da língua. Assim sendo, uma gramática sincrônica do português arcaico é um passo necessário a uma gramática diacrônica da língua portuguesa".

Como pretendemos dar um passo a mais na tentativa de explicitação do fenômeno "tópico" que envolve processos de mudança lingüística, julgamos importante o distanciamento de cinco séculos nos nossos dados pois conforme

postula Bynon (1977:6) "há um período de tempo ideal de 4/5 séculos que é mais favorável ao estudo da mudança lingüística".

2.2 - O corpus representativo do Português Arcaico.

Como "corpus" representativo do Português Arcaico, mais precisamente do português do século XV, seleccionamos a obra "Leal Conselheiro o qual fez Dom Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta", escrita entre 1428 e 1437, considerada como o melhor exemplar de literatura moralista e prática. Justifica-se tal escolha por ser a documentação em prosa literária a mais indicada para o estudo sintático da língua, conforme esclarece Mattos e Silva (1991:38):

"Para o conhecimento da língua na sua fase arcaica é fundamental a produção em prosa literária. A documentação poética e a não-literária se complementam para o conhecimento do léxico do português arcaico. A prosa literária documenta abundantemente a morfologia nominal e verbal, as estruturas morfossintáticas dos sintagmas nominal e verbal. Sobretudo é importante para o estudo das possibilidades sintáticas da língua, porque não sofre as limitações (...) da documentação poética e jurídica".

Quanto à edição seleccionada (ano de 1942), com a qual trabalhamos, ela se baseia em fotocópia de um códice publicado existente na Biblioteca Nacional de Paris, sob responsabilidade de Joseph Piel - especialista em galego-português - com um texto rigorosamente crítico juntamente com comentários filológicos.

Das edições de textos do período arcaico, para estudos com finalidade lingüística, levamos em conta na nossa seleção as considerações feitas por Mattos

e Silva (1991:41).

"Para estudos de natureza lingüística são mais seguras, portanto, aquelas edições críticas realizadas por filólogos de formação lingüística, que vejam e deixem claro que o texto sobre que trabalham está editado com o objetivo também de poder ser utilizado como base para estudos da língua naquele período".

A autora faz também menção a edições críticas de valor, que podem ser usadas para estudos da língua arcaica, destacando como exemplar "as edições de Joseph Piel, já antigas, mas ainda não substituídas das obras de D.Duarte (o 'Leal Conselheiro' e o 'Livro de Ensinança de bem cavalgar toda sela')".

O "Leal Conselheiro" é segundo Joseph M. Piel um "livro de ensaios" que trata de "uma miscelânea de considerações de ordem moral e prática, muitas - sem nexos aparentes e redigidas em épocas e ocasiões diferentes da vida do autor."

São 428 páginas e 103 capítulos onde D.Duarte tece uma série de considerações, algumas de caráter prático - daí a obra ser considerada de filosofia prática - outras de ordem moral. Em o "Leal Conselheiro", dá-nos informações sobre usos e costumes do seu tempo, sobre a maneira de pensar dos seus contemporâneos, sobre a vida cultural e social da corte de Avis. Ora classifica os homens segundo as relações existentes entre o entendimento e vontade, entre a coerência ou incoerência das suas atitudes; ora os define pela suas paixões, falando dos soberbos, dos invejosos, dos ociosos; ora estuda as diversas espécies de sentimento, estabelecendo sutis distinções nas diversas formas de tristeza, da saudade e do amor. Interessado também pelos problemas sociais e filosóficos do seu tempo, discute, entre outras coisas, o problema da guerra justa ou injusta e

admite a possibilidade de influências extra-naturais sobre o homem.

A falta de unidade de composição é uma deficiência que o próprio D.Duarte reconhece no prefácio da obra.

"E desi por algũus desta pequena leitura se poderem prestar, acrescentando em suas bondades com leixamento de muitos erros; por que das obras breves e símprezes os de nom grande entender e pouco saber melhor aprendem que das sutil e altamente scriptas.(...) E por seerem algũas cousas sobre si tempo ha scriptas, nom levam tal forma como se todas juntamente sobr'este proposito foram ordenadas".(...) (L.Cons.,séc.XV, p.2)

"Prazermia que os leedores deste trautado tevessem a maneira da abelha que, passando per ramos e folhas, nas flores mais custuma de pousar, e dally filham parte de seu mantiimento. E nom sejam taaes como aquelles bichos que, leixando todas cousas limpas, nas mais [ç]ujas filham sua governança. E esto se diz por quanto alguũs, veendo quaaesquer pessoas ou leendo per livros aquellas cousas consiiram em que possam aver boo exemplo, enssyno e aviso, e que achem e vejam falcimentos, passom per eles, sempre reguardando ao mais proveitoso e digno de louvor. E aquestes a abelha devem seer apropiados, os quaaes por acharem em esto que screvo algũa cousa que lhes praza, mais consiirem aa substancia e boa teençom que ao muyto saber nem forma de rrazoar". (L.Cons., séc.XV,p.5)

No entanto, apesar dessa diversidade de aspectos e considerações distinguem-se em o "Leal Conselheiro" duas secções ou duas partes fundamentais, Piel (pág.XV) apresenta-nos essa divisão:

"uma que abrange os cap. 1 - 90, e outra os cap. 92-102, a que o cap.91 serve de introdução. Na primeira é possível reconhecer certo plano, que se pode resumir esquematicamente da seguinte maneira. 1 caps. 1-9, Do entendimento e as suas partes (apreensiva, retentiva, judicativa, inventiva, declarativa, executiva e perseverativa); 2. caps. 10-33, Declaração dos pecados (soberba, vanglória, inveja, sanha, ódio, tristeza, ociosidade, avareza, luxúria e gula); O 3. caps. 34-62, Das sete virtudes necessárias para se combater os sete pecados capitais (fé, esperança, caridade, prudencia, justiça, temperança e fortaleza); 4. caps. 63-80, Definição dos sete pecados capitais e dos outros (pecados do coração, da boca, da obra, da omissão e do "minguado sentido"); 5. cap. 80-90, como havemos de apropriar as "casas do nosso coração" a determinados fins".

É importante salientar que esta primeira parte é entremeada de trechos de obras alheias, de modo geral traduções que têm suas fontes sempre indicadas por D.Duarte. É o caso dos capítulos 7 (São Gregório), 41 e 42 (João Cassiano), 47 (São Tomás), 58 (Cícero), 59 (Dr. Dieg' Affonso Mangancha), 68 (São Tomás), 87 (Ludolfo de Saxónia), 89 e 90 (São Gregório), 95 (Frei Gil Lobo). Sobre esses trechos D. Duarte observa:

"ca eu mesturo moral filosofia, de que algũa parte vi, com seus mandados e ditos dos santos e catolicos sabedores, que a mais perfeitamente que os filósafos entenderom e derom acabadas ensinanças, consiirando o que delo naturalmente per meu sentido entendo e do que vejo, ouço e conheço em minha maneira de viver e dos outros" (cap. 103.pág.386, 9-15).

"A segunda secção é constituída por uma miscelânea de escritos vários, que D. Duarte julgou dignos de figurar na sua obra, e que não tivera ocasião de incluir na primeira parte. São novas considerações sobre as sete virtudes (caps.

91-92), preceitos de leitura (cap. 94); O exemplo das duas baicas (95); disposição para o serviço religioso na capela real (96-97); a célebre carta em que descreve a vida familiar na corte de D.João I (98); recomendações para quem pretende traduzir de latim para português (99); um regimento do estômago (100); preceitos para se determinar pelos astros as horas da noite (101-102). Finalmente o cap. 103 serve de remate à obra toda, retomando o tema do prólogo: Da guarda da lealdade."

Na introdução D. Duarte dedica este "trautado" à Rainha, sua mulher, D. Leonor de Aragão e a "senhores e gentes de suas casas". Deixa transparecer ainda as razões e o propósito do livro.

A dedicatória e a primeira secção (da introdução ou "prologo" ao cap. 90) constituem o "corpus representativo" quatrocentista deste estudo.

2.3 - O corpus representativo do Português Contemporâneo.

Como dados do Português Contemporâneo foram coletadas estruturas de tópico da "Folha de São Paulo", durante um período de 31 dias consecutivos - 1º a 31 de julho de 1993.

A escolha desse "corpus" não foi aleatória. Ela se deu por a "Folha" ser um jornal que circula em todo o país, ser crítico, imparcial e independente; não tendo necessidade, portanto, de ser um veículo que precise utilizar a língua como instrumento de coação, ou seja, fazer uso intencionalmente de recursos lingüísticos que fujam das estruturas sintáticas do português padrão.

Concentramos nossa coleta de dados nos cadernos número 1 e número 4.

O primeiro dá as notícias locais do Brasil. Fala de política, acidentes, fatos em geral que ocorreram no país. O segundo caderno, "ilustrada," é bem mais ameno. Trata de artes, astrologia, televisão, comida, etc. São, portanto, dois cadernos bastante distintos. Esta seleção não foi ocasional, pois pretendemos mostrar que as "estruturas de tópico" não são "estranhas", ocorrendo em vários registros da língua.

Quanto aos editoriais, queremos ressaltar que eles não fazem parte do nosso "corpus". Deixamo-los de lado por acharmos que os mesmos, na maioria das vezes, não são "inocentes": pretendem convencer, alertar; utilizando-se, por isso, de um número maior de estruturas de tópico.

. [...] = presença de material interveniente entre a CT e o verbo.

Nas seções que se seguem procederemos a uma análise quantitativa dos dados do Português Arcaico, em termos de frequência de ocorrência das CTs.

Basicamente três aspectos foram considerados nessa análise: a função sintática dos tópicos, a presença ou ausência do sujeito na sentença comentário e a presença ou ausência de co-referente. Esses dados são apresentados nos quadros 4 e 5. No quadro 4 temos os resultados em números absolutos, e, no quadro 5, em termos percentuais.

QUADRO 4- Função sintática das estruturas de tópico em termos de número de ocorrências

FUNÇÃO SINTÁTICA	OCORRÊNCIAS	TIPOS SINTÁTICOS			
		+SN ₁ +SN ₂ +co-ref.	+SN ₁ -SN ₂ +co-ref.	+SN ₁ +SN ₂ -co-ref.	+SN ₁ -SN ₂ -co-ref.
Adjunto Adnominal	3	2	Ø	Ø	1
Sujeito	3	Ø	Ø	Ø	3
Agente da Passiva	6	Ø	Ø	3	3
Predicativo	12	Ø	Ø	5	7
Complemento Nominal	24	Ø	Ø	5	19
Objeto Indireto	58	2	1	11	44
Objeto Direto	79	2	5	7	65
Adjunto Adverbial	168	3	5	48	112
TOTAL	353	9	11	79	254

Obs: + SN₁ = presença de tópico
 + SN₂ = presença de sujeito¹
 - SN₂ = ausência de sujeito
 + co-ref = presença de co-referente
 - co-ref = ausência de co-referente

¹ Consideramos como sujeito, os pronomes e os sujeitos explícitos. Não consideramos aqui, como sujeito, os desinenciais.

QUADRO 5 - Função sintática das estruturas de tópicos em termos percentuais

FUNÇÃO SINTÁTICA	OCORRÊNCIAS	TIPOS SINTÁTICOS			
		+SN ₁ +SN ₂ +co-ref.	+SN ₁ -SN ₂ +co-ref.	+SN ₁ +SN ₂ -co-ref.	+SN ₁ -SN ₂ -co-ref.
Adjunto Adnominal	0,85%	0,57%	Ø	Ø	0,28%
Sujeito	0,85%	Ø	Ø	Ø	0,85%
Agente da Passiva	1,7%	Ø	Ø	0,85%	0,85%
Predicativo	3,4%	Ø	Ø	1,4%	2%
Complemento Nominal	6,8%	Ø	Ø	1,4%	5,4%
Objeto Indireto	16,4%	0,57%	0,28%	3,12%	12,47%
Objeto Direto	22,4%	0,57%	1,42%	2%	18,41%
Adjunto Adverbial	47,6%	0,85%	1,42%	13,6%	31,73%
TOTAL	100%	2,6%	3,1%	22,3%	72%

- Obs: + SN₁ = presença de tópico
+ SN₂ = presença de sujeito
- SN₂ = ausência de sujeito
+ co-ref = presença de co-referente
- co-ref = ausência de co-referente

Salientamos, inicialmente, que de um total de 353 CTs em 340 páginas que representa o nosso "corpus" arcaico como um todo, tem-se a média de 1,03 construção de tópicos por página. A par desse número, verificamos que as estruturas documentadas revelam os tópicos exercendo 8 funções diferentes nesse período da língua: adjunto adnominal, sujeito, agente da passiva, predicativo, complemento nominal, objeto indireto, objeto direto e adjunto adverbial.

Na 1ª coluna do quadro encontra-se o número de ocorrências de cada uma das funções sintáticas acima citadas. Nas outras colunas, estão os 4 tipos sintáticos detectados conforme os três fatores já enumerados. Os tipos sintáticos são:

a)

$\left. \begin{array}{l} +SN_1 \\ +SN_2 \\ +Co-ref. \end{array} \right\}$	<p>Neste tipo, o tópico, o sujeito da S comentário e o co-referente estão presentes</p>
---	---

(i) " Da yra, seu próprio nome em nossa lynguagem he sanha..."

(L.Cons., séc. XV, cap. XVI, p. 56, 19)

b)

$\left. \begin{array}{l} +SN_1 \\ -SN_2 \\ +Co-ref. \end{array} \right\}$	<p>Neste tipo, observa-se a presença do tópico e do co-referente e a ausência do sujeito da S comentário.</p>
---	---

(ii) " E as escomunhões como as \emptyset receamos..."

(L.Cons., séc. XV, cap. XXXIV, p. 135, 4-5)

c)

$\left. \begin{array}{l} +SN_1 \\ +SN_2 \\ -Co-ref. \end{array} \right\}$	<p>Neste tipo, o tópico e o sujeito da S comentário estão presentes e o co-referente, ausente.</p>
---	--

(iii) " Dagoyros, sonhos, dar aa voontade, synaes do ceo e da terra, algũu boo homem nom deve fazer conta, ..."

(L.Cons., séc. XV, cap. XXXVII, p. 150, 19-20)

d)

$\left. \begin{array}{l} +SN_1 \\ -SN_2 \\ -Co-ref. \end{array} \right\}$	<p>Neste tipo, nota-se a presença do tópico e a ausência do sujeito da S comentário e do co-referente.</p>
---	--

(iv) " Esta vida ∅ continuey ∅ ataa pascoa. "

(L.Cons., séc. XV, cap. XIX, p. 69, 12)

Os quadros 4 e 5 revelam que o tipo sintático que predomina nos nossos dados históricos é o d : [+SN₁ , - SN₂ , - Co-ref]. Num total de 353 CTs, 254 são do "tipo" d, isto é, 72% do total de CTs.

Em 2º lugar, temos o "tipo" e : [SN₁, +SN₂, - Co-ref], com 79 ocorrências ou 22,3% do total. Salientamos que nos dois "tipos" acima citados o co-referente não se faz presente. Estes perfazem 94,3% do total das CTs.

Nessa amostra, observamos que, quando o co-referente é presente, sua taxa de ocorrência é baixa, conforme pode ser observado nos "tipos" a : [+SN₁, +SN₂, + Co-ref] e b : [+SN₁, -SN₂, + Co-ref] que somam, juntos, 20 ocorrências, perfazendo 5,7% no total de CTs.

Dessa análise, visualizamos, portanto, uma linha divisória que separa, de um lado, estruturas de tópico com co-referente (5,7% do total de CTs) e, de outro, estruturas sem co-referente (94,3% do total de CTs).

3.1 - A função sintática dos tópicos

Conforme se pode observar nos quadros 4 e 5 apresentados, os tópicos encontrados exercem 8 funções sintáticas diferentes nesse período arcaico da língua. Considerando a frequência de ocorrência dessas funções, destacamos:

1 - O tópico (SN₁) ocorre em maior número na função sintática de **adjunto**

adverbial (168 CTs Adj.Adv. ou 47,6% do total de CTs).

Como adjunto adverbial foram aqui considerados também os sintagmas nominais circunstanciais. Segundo Mattos e Silva (1989:620) "a designação sintagma nominal circunstancial é de caráter sintático e semântico. O sintagma nominal que expressa uma circunstância é sintacticamente marcado, regra geral, por um relacionante do tipo preposição que o introduz e o relaciona com algo já antes expresso no enunciado (...) os sintagmas nominais circunstanciais são estruturalmente facultativos e decorrem de necessidades do discurso, para a expressão de circunstâncias eventuais que enriquecem de informação o enunciado".

O nosso "corpus" forneceu vários destes sintagmas nominais circunstanciais introduzidos por preposições. Apresentamos alguns dados:

(69) "Da tristeza diz sam Joham Casiano..."

(L.Cons.,séc.XV,Cap.XVIII, p.64,15)

(70) "E sobre a maneira do desvairo das crenças, eu consiuro como na ffe que perteece aas cousas cellestriaaes..."

(L.Cons.,séc.XV,Cap.XXXIII, p.136,6-7)

(71) "Na prudência o ssobejo se chama..."

(L.Cons.,Séc.XV, Cap.LIX, p.252,7)

(72) "E por hũu vaso daugua fria prometeo que sem boo gallardom nom passara..."

(L.Cons., Séc.XV, Cap.XXIX, p. 119,5-6)

Em número bem menor documentamos os sintagmas nominais circunstanciais não precedidos de preposições:

(73) "...que logo de nossa mocidade a ello per afeiçom nos enclinemos, e na velhice acharemos a dulçura delle."

(L.Cons.,séc.XV,Cap.I, p. 10,15-17)

(74) "...que nunca em ella muyto se confii..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.II, p. 14,9)

2. No quadro de ocorrências, o **objeto direto** ocupa o segundo lugar (79 CTs - objeto direto ou 22,4% do total de CTs).

(75) "Cousas mais altas que ty nom buscaras, e as mais fortes nom demandaras".

(L.Cons.,séc.XV,cap.LVII, p.242,16-17)

(76) "Ë assy aquella consollaçom, que de todo he sensual, e qual recebem hũu e o outro em aquella representaçom.

(L.Cons.,séc.XV,cap.RVII,p.192,18-19)

3. O **objeto indireto** ocupa o 3º lugar com 58 CTs - objeto indireto correspondendo a 16,4% do total de CTs.

(77) "...porque aos tristes muytas vezes lhes praz fallar..."

(L.Cons.,séc.XV, cap.LXXXIII,p.311,15)

(78) "...que a hũu boo julgador se referem estas virtudes..."

(L.Cons.,séc.XV, cap.LX,p.254,22)

4. Em 4º lugar documentamos o **complemento nominal** com 24 ocorrências, correspondendo a 6,8% do total de CTs.

(79) "Ca dos remedios, das curas, nom sentia vantajem.

(L.Cons., séc.XV,cap.XIX,p.70,25-26)

(80) "Ante nojo e tristeza eu faço tal deferença..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.XXV,p.93,5)

5. Em 5º lugar aparece o **predicativo** com 12 ocorrências, correspondentes a 3,4% do total de CTs.

(81) "Se tam poderosos nom formos.."

(L.Cons.,séc.XV, cap.XVI, p.60,20)

(82) "Torvados som meus olhos pella sanha".

(L.Cons.,séc.XV,cap.XVI,p.57,5)

6. Em 6º lugar temos o **agente da passiva** com 6 ocorrências ou 1,7% do total de CTs.

(83) "De nosso senhor deos per special spiraçom nos he outorgada condiçom e discreçom."

(L.Cons.,séc.XV, cap.XXXIX, p.153,9)

7. Em 7º lugar tem-se o **adjunto adnominal** com 3 ocorrências ou 0,85% do total de CTs.

(84) "Da yra seu proprio nome em nossa lynguagem he sanha..."

(L.Cons., séc.XV, cap.XVI, p.56, 19)

8. Com o mesmo número de ocorrências do adjunto adnominal, encontramos o **sujeito**, também com 3 ocorrências ou 0,85% do total de CTs.

(85) "...mas o vynho bem auguado entendo que he melhor que o ssem augua..."

(L.Cons., séc.XV, cap.XX, p.74, 12-15)

3.2 - O sujeito nas estruturas de tópico

Examinaremos, nesta seção, o sujeito da S comentário nas estruturas de tópico da nossa amostra quatrocentista.

Consideraremos o sujeito como "presente" somente quando este estiver explícito, isto é, quando for observada a presença de um núcleo, que segundo Gama Kury (1986:21.22) pode ser:

"...um pronome pessoal (eu, nós, para a 1ª pessoa; tu, você, o senhor, V.Sª, V.Exª, vós, vocês, etc., na 2ª pessoa....)

...qualquer equivalente de substantivo (as outras classes de pronomes substantivos; numerais substantivos; palavras substantivadas)".

Portanto, não consideraremos "sujeito presente" quando este estiver apenas na desinência verbal.

Chamaremos de sujeito \emptyset quando o SN₂ não estiver explícito na S. De acordo com o autor acima citado, "nem sempre há necessidade de explicitar o sujeito de uma oração, seja porque já figura numa oração contígua, seja porque a desinência do verbo claramente o indica. Diz-se, então, que o sujeito está elíptico, ou oculto por 'elipse':

(86) 'Estou sozinho' (O sujeito é o pronome eu, implícito na forma verbal estou)"

A respeito do sujeito da S comentário, observaremos:

- a) a presença ou ausência do SN₂;
- b) os tipos de SN₂;
- c) a ordem do SN₂ em relação ao V.

a) Presença ou ausência do SN₂

Quanto à presença (+SN₂) do sujeito ou a sua ausência (-SN₂) na S comentário das estruturas de tópico analisadas, temos o seguinte quadro:

QUADRO 6: Presença/ausência de sujeito

Presença/ausência de Sujeito	Total
+ SN ₂	88 (24,9%)
- SN ₂	265 (75,1%)

O quadro 6 aponta um número bem maior de não-ocorrência de sujeito na S comentário (75,1% do total de CTs) do que da sua presença. Nos nossos dados do português arcaico a presença de SN₂ limita-se a 24,9% do total de CTs.

(91) "Com a qual sentença concorda o ssalmista..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.LR,p.336,22)

6 - Com **objeto direto** como tópico: 2,57% do total geral das CTs.

(92) "Pois que concordança tem o spiritu sancto com os tocamentos..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.RVII,p.195,13-14)

7 - Com **adjunto adverbial** como tópico: 14,45% do total geral das CTs.

(93) "Com as mulheres poucas pallavras deve homem aver e asperas..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.RVII,p.199,9-10)

Os dados não registram a presença de sujeito quando o tópico tem a função sintática de "sujeito" (deve-se levar em conta que a ocorrência de CT-sujeito é de apenas 0,85% do total de CTs).

b) O sujeito não ocorre: (sujeito Ø)

1. Com **adjunto adnominal** como tópico: 0,28% do total geral das CTs.

(94) "...que de cousa nom se receba tam ryjo sentimento"

(L.Cons.,séc.XV,cap.LXXVIII,p.292,30)

2. Com **sujeito** como tópico: 0,85% do total geral das CTs.

(95) "...mas o o vynho bem auguado entendo que he melhor..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.XX,p.74,12-15)

3. Com **agente da passiva** como tópico: 0,85% do total geral das CTs.

(96) "Desy porque de minha mão foi todo primeiro scripto"

(L.Cons.,séc.XV,Dedicatória, p.2,24)

4. Com **predicativo** como tópico: 2% do total geral das CTs.

(97) "...ainda que pequenas sejam..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.LIX,p.254,2)

5. Com **complemento nominal** como tópico: 5,4% do total geral das CTs.

(98) "...que dalgũas cousas tristes avemos lembramento..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.II,p.13,18)

6. Com **objeto indireto** como tópico: 12,75% do total geral das CTs.

(99) "...se do coraçom a nom podernos tirar..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.XVI,p.60,18)

7. Com **objeto direto** como tópico: 19,83% do total geral das CTs.

(100) "...que cousa nom recebem graciosamente..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.XI,p.39,27-29)

8. Com **adjunto adverbial** como tópico: 33,15% do total geral das CTs.

(101) "Na memoria faço duas deferenças."

(L.Cons.,séc.XV,cap.II,p.13,15-16)

Sendo o **adjunto adverbial** a função sintática que mais ocorre como tópico nos nossos dados (168 ocorrências ou 48,7% do total das funções), comparamos a presença/ausência do sujeito nessas estruturas:

QUADRO 7: Presença/ausência de sujeito quando o tópico tem a função sintática de adjunto adverbial.

+ SN ₁ = adjunto adverbial	Presença/ausência de Sujeito	Total parcial
		+ SN ₂
	- SN ₂	117 (33,15%)
Total Geral		168 (47,6%)

Obs: Calculamos a porcentagem tomando como base o total de CT - adjunto adverbial (47,6%) fornecido pelo quadro 5.

O Quadro 7 aponta como predominante a ausência de sujeito nas CTs - adjunto adverbial (33,15%). A ocorrência de sujeito chega, praticamente à metade da não - ocorrência.

b) Os tipos de SN₂

1 - Observamos 47 sujeitos lexicais e 32 pronominais em um total de 79 ocorrências nas sentenças onde o co-referente estava ausente. São sujeitos pronominais: "os, eu, meu, elle, nos, vos, cadahuu, quantos, os quais, ty, muyto, alguém."

Seguem abaixo alguns exemplos de sujeitos lexicais:

(102) "E destas riquezas estes regnos; graças a nosso senhor, som ricos..."

(L.Cons.,Séc.XV,cap.XXXII,p.130,17-18)

(103) "...posto que nas sciencias speculatyvas a rrazon abre tam somente duas cousas."

(L.Cons.,séc.XV,cap.LV,p.236,9-10)

(104) "...por que o entender partem os letrados em quatro ramos, scilicet entender agente, possivel, speculativo, e pratico".

(L.Cons.,séc.XV,cap.II,p.13,8-11)

A seguir, apresentamos alguns sujeitos pronominais:

(105) "De todas pallavras, contenenças e obras nos devemos conteer, fora daquellas que per direito e razom fazer podemos."

(L.Cons., Séc.XV, cap.XVII,p.62,11-13)

(106) " Em hũu livro que se chama de Oficii, que fez Tulyu, eu lii da dicta virtude esta palavra..."

(L.Cons., Séc.XV,cap. LXXXVIII, p.329, 1-2)

2) Nas sentenças onde o co-referente estava presente, num total de 9 SN₂, 5 são pronominais - "aquellas, muytos, hũu e o outro, eu, cadahũu - e 4, lexicais.

Apresentamos a seguir os sujeitos lexicais documentados:

(107) "Da occiosidade em nosso linguagem seu nome mais apropriado he priguyça..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.XXVI,p.98,20-21)

(108) "Da yra seu próprio nome em nossa lynguagem he sanha..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.XVI,p.56,19)

(109) "Nas trescamaras, os feitos da honrra, tirando dellas toda cousa que aa virtude seja contraira."

(L.Cons.,séc.XV,cap.LXXXI,p.304,7-8)

(110) "E posto que todavya per ordenança do senhor deos muytas cousas venham per ella a grande perfeiçom..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.LVI,p.241,6,7)

Os SN₂ pronominais se encontram nas seguintes sentenças:

(111) "Por que antre as graadezas, aquellas que por nosso senhor deos se fazem som de maior mericimento..."

(L.Cons., séc.XV, cap.XXIX, p.116,17)

(112) "Primeiro, quanto aa consciencia, errom muytos em a teer muyto targa..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.LVII,p.242,5-6)

(113) "E assy aquella consolaçom, que de todo he sensual, a qual recebem hũu e o outro em aquella representaçom..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.RVII,p.142,18-19)

(114) "Contra os que a ventura, costellaçom de prnetas encomendam e leixam seus feitos, eu lhes digo que..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.LIII,p.222,12-14)

(115) "O poder, quanto com grande sentido nos feitos se acrescenta, cadahũ per ssy o pode julgar".

(L.Cons., séc.XV, cap.LXXVII, p.289,13-14)

c) Ordem do SN₂ em relação ao V.

No caso da presença do SN₂ explícito, observa-se a ordem-posposição/ anteposição deste em relação ao verbo em estruturas com e sem co-referente.

QUADRO 8: Posição do SN₂ em relação ao V.

FUNÇÃO SINTÁTICA	POSIÇÃO			
	+SN ₁ +SN ₂ +co-ref.		+SN ₁ +SN ₂ -co-ref.	
	ANTEPOS.	POSPOS.	ANTEPOS.	POSPOS.
Adjunto Adnominal	2	Ø	Ø	Ø
Sujeito	Ø	Ø	Ø	Ø
Agente da Passiva	Ø	Ø	Ø	3
Predicativo	Ø	Ø	Ø	5
Complemento Nominal	Ø	Ø	5	Ø
Objeto Indireto	1	1	4	7
Objeto Direto	1	1	4	3
Adjunto Adverbial	3	Ø	39	9
TOTAL	7	2	52	27

Fazendo a leitura do quadro acima, nota-se que há uma predominância do "tipo" sintático sem co-referente (79 ocorrências) em estruturas como:

(116) "Com as molheres, poucas pallavras deve homem aver \emptyset e asperas..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.RVII,p.199,9-10)

Já com o co-referente ocorrendo simultaneamente com o sujeito foram documentadas 9 estruturas de tópico (2,6%)

(117) "O poder, quanto com grande sentido nos feitos se acrescenta, cadahũu per ssy o pode julgar."

(L.Cons.,séc.XV,cap.LXXVII,p.289,13-14)

O co-referente ocorre sem a presença do sujeito em 11 sentenças (3,1%)

(118) "por que aos tristes muytas vezes lhes praz fallar..."

(L.Cons.,séc.XV,cap.LXXXIII,p.311,15)

Os dados não apontam co-referente quando o tópico é sujeito, agente da passiva, predicativo, complemento nominal.

Quanto à posição do SN₂ em relação ao V, observa-se que a anteposição predomina tanto nas estruturas com co-referente (7 ocorrências), quanto nas estruturas sem co-referente (52 ocorrências).

A posposição ocorre em número maior somente quando o tópico tem a função sintática de agente da passiva, predicativo e objeto indireto.

Quando o tópico tem a função sintática de adjunto adverbial e o "tipo" sintático não apresenta o co-referente, o número de ocorrência de anteposição (39

ocorrências) do SN₂ em relação ao V é bem superior ao da posposição (9 ocorrências). Também em relação às CTs - adjunto adverbial com o tipo sintático apresentando o co-referente, documentamos apenas 3 ocorrências e em todas elas o SN₂ se encontra anteposto ao V.

3.3 - Observações finais

Dos fatos expostos, pode-se concluir que:

- a) A CT típica do Português do século XV é aquela em que o sujeito da S comentário e o co-referente estão ausentes: [+SN₁, - SN₂, - Co-ref]
- b) É baixa a frequência dos co-referentes (5,7%).
- c) É alta a frequência dos Adjuntos Adverbiais como Tópico (47,6%).
- d) São 8 as funções sintáticas preenchidas pelos tópicos, sendo baixa a frequência de tópico/sujeito (0,85%).
- e) É baixa a taxa de ocorrência do SN₂ (24,9%)
- f) A ordem preferencial do SN₂ em relação ao V é a anteposição (67%)

CAPÍTULO 4

DESCRIÇÃO DOS DADOS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Analisaremos neste capítulo os dados do Português Contemporâneo. Dos dois cadernos (1 e 4) com os quais trabalhamos, pertencentes aos 31 exemplares da "Folha de São Paulo", coletamos 641 construções de tópico. Nesta "amostra", também, observaremos a função sintática dos tópicos, a presença ou ausência do sujeito na sentença comentário, os tipos de sujeito, o posicionamento deste em relação ao verbo e a presença ou ausência de co-referente.

Assim como descrevemos os dados do português arcaico, aqui também, propomo-nos a fazer uma análise quantitativa das estruturas de tópico do nosso "corpus" do Português Contemporâneo. Apresentamos a seguir, esses dados: no quadro 9 mostramos os resultados em números absolutos e, no quadro 10, em termos percentuais.

QUADRO 9: Função sintática do tópico em termos de número de ocorrências.

FUNÇÃO SINTÁTICA	OCORRÊNCIAS	TIPOS SINTÁTICOS			
		+SN ₁	+SN ₁	+SN ₁	+SN ₁
		+SN ₂	-SN ₂	+SN ₂	-SN ₂
		+co-ref.	+co-ref.	-co-ref.	-co-ref.
Adjunto Adnominal	14	Ø	Ø	14	Ø
Sujeito	-	-	-	-	-
Agente da Passiva	-	-	-	-	-
Predicativo	12	Ø	Ø	10	02
Complemento Nominal	-	-	-	-	-
Objeto Indireto	21	Ø	Ø	04	07
Objeto Direto	13	02	Ø	07	04
Adjunto Adverbial	581	02	Ø	526	53
TOTAL	641	04	Ø	571	66

Obs: O sinal (Ø) aponta que no "corpus" analisado existem dados referentes àquela função sintática, mas não no "tipo" em que tal sinal é apresentado.

O sinal (-) aponta que no "corpus" analisado não existem dados referentes àquela função sintática em nenhum "tipo" sintático.

QUADRO 10: Função sintática do tópico em termos percentuais

FUNÇÃO SINTÁTICA	OCORRÊNCIAS	TIPOS SINTÁTICOS			
		+SN ₁	+SN ₁	+SN ₁	+SN ₁
		+SN ₂	-SN ₂	+SN ₂	-SN ₂
		+co-ref.	+co-ref.	-co-ref.	-co-ref.
Adjunto Adnominal	2,2%	Ø	Ø	2,2%	Ø
Sujeito	-	-	-	-	-
Agente da Passiva	-	-	-	-	-
Predicativo	1,87%	Ø	Ø	1,56%	0,31%
Complemento Nominal	-	-	-	-	-
Objeto Indireto	3,3%	Ø	Ø	2,2%	1,1%
Objeto Direto	2,03%	0,312%	Ø	1,1%	0,624%
Adjunto Adverbial	90,6%	0,312%	Ø	82,06%	8,268%
TOTAL	100%	0,62%	Ø	89,08%	10,3%

Documentam-se nos 31 exemplares da "Folha de São Paulo", 641 ocorrências de construções de tópico, ou seja, uma média de 20,7 construção por exemplar. Destas 641 ocorrências do período contemporâneo, os dados revelam

os tópicos exercendo 5 funções sintáticas diferentes: adjunto adnominal, predicativo, objeto indireto, objeto direto, adjunto adverbial.

Os dados não revelam estruturas de tópico nas funções sintáticas de sujeito, agente da passiva e complemento nominal.

Como também na nossa amostragem do português arcaico, apresentamos na do português contemporâneo, na 1ª coluna dos quadros 9 e 10, o número (absoluto e percentual) de ocorrências de cada uma das funções sintáticas acima enumeradas. Nas demais colunas, estão os 4 tipos sintáticos já citados no capítulo 3, que repetimos:

a)

$\left. \begin{array}{l} +SN_1 \\ +SN_2 \\ +Co-ref. \end{array} \right\}$	<p>O tópico, o sujeito da sentença comentário e o co-referente estão presentes.</p>
---	---

(i) " na campanha do presidente Collor, eu não tive nenhum compromisso de ordem financeira com a campanha..."

(F.S.P., séc XX, 14.7.93, c. 1,7)

b)

$\left. \begin{array}{l} +SN_1 \\ -SN_2 \\ +Co-ref. \end{array} \right\}$	<p>Presença do tópico e do co-referente, ausência do sujeito da S comentário.</p>
---	---

(ii) \emptyset

c)

$\left. \begin{array}{l} +SN_1 \\ +SN_2 \\ -Co-ref. \end{array} \right\}$	<p>O tópico e o sujeito da S comentário estão presentes e o co-referente, ausente.</p>
---	--

(iii) " Das 24 espécies encontradas na região desmatada, a 'wasmannia auropunctata' é a mais populosa Ø."

(F.S.P., séc XX, 11.7.93, c. 6,14)

d)

$\left. \begin{array}{l} +SN_1 \\ -SN_2 \\ -Co-ref. \end{array} \right\}$	<p>Presença do tópico, ausência do sujeito da S comentário e do co-referente.</p>
---	---

(iv) " Ao médico, Ø teria se queixado Ø que apanhara de um familiar na noite anterior."

(F.S.P., séc XX, 06.7.93, c. 3,1)

Dos quadros 9 e 10, pode-se inferir que o tipo sintático predominante na nossa "amostra" contemporânea é o c : [+SN₁, +SN₂, - Co-ref.]. Num total de 641 CTs, 571 são do "tipo" c, isto é, 89,08% do total de CTs.

O "tipo" d : [+SN₁, -SN₂, - Co-ref.], ocupa o 2º lugar, com 66 ocorrências ou 10,3% do total. Tanto no "tipo" c, quanto no d, o co-referente está ausente.

O "tipo" a vem em 3º lugar, com 04 ocorrências ou 0,62% do total de CTs. Já o "tipo" b não foi preenchido por nenhuma das estruturas documentadas. Podemos, portanto, afirmar que quando o co-referente está presente, a taxa de

ocorrência de CTs é baixa (0,62%).

De tais dados podemos observar, de imediato, duas linhas divisórias: a primeira divide o quadro em dois lados (presença de co-referente e ausência de co-referente); a segunda chama a atenção do leitor para a presença e ausência do SN₂, agrupando os tipos sintáticos em a e c / b e d.

4.1 - A função sintática dos tópicos.

As 5 funções sintáticas que expressam no "corpus" o tópico da sentença são as seguintes:

1 - **adjunto adverbial** (581 ocorrências ou 90,6% do total de CTs).

(119) " ' mais do que uma garantia para o empregado, a estabilidade deve ser vista como uma garantia para o cidadão. '"

(FSP,Séc.XX,25.7.93,C.1,18)

(120) "' na campanha do presidente Collor, eu não tive nenhum compromisso de ordem financeira com a campanha..."

(FSP,Séc.XX,14.7.93,C.1,7)

(121) " Nesta negociação, queremos mostrar que a sociedade pode participar da discussão e assumir compromissos."

(FSP,Séc.XX,25.7.93,C.1,10)

(122) " Do Rio, onde mora, conversa diariamente com Itamar por telefone."

(FSP,Séc.XX,16.7.93,C.1,7)

(123) " Junto com poucos objetos pessoais, Rosinete chegou à Polícia Federal com uma televisão".

(FSP,Séc.XX,8.7.93,C.1,10)

(124) " Às gargalhadas, o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, fez questão de mostrar para Itamar o sono do chefe de estado português"

(FSP,Séc.XX,17.7.93,C.1,6)

2 - objeto indireto (21 ocorrências ou 3,3% do total de CTs)

(125) "Aos trabalhadores caberia desenvolver uma campanha para convencer a população a pedir nota fiscal em qualquer compra".

(FSP,Séc.XX,23.7.93,c. 1,4)

(126) "Do cantor eu não gosto".

(FSP,Séc.XX,26.7.93,C.4,1)

(127) "A esse inferno, e não só a um departamento da polícia, alude o sagaz título original".

(FSP,Séc.XX,6.7.93,C.4,7)

(128) "Aos líderes sindicais, Barelli antecipou propostas alternativas".

(FSP,Séc.XX, 30.7.93,C.1,6)

3 - adjunto adnominal (14 ocorrências ou 2,2% do total de CTs)

(129) "De sua rede de 149 unidades, o CREDIREAL está desativando 49

agências deficitárias, em Minas e em outros estados."

(FSP,Séc.XX,20.7.93,C.1,7)

(130) "Da 'estratégia anterior', a única postura mantida foi a total vigilância de familiares, amigos, aeroportos e estradas".

(FSP,Séc.XX,7.7.93,C.1,4)

Destas 14 ocorrências de adjunto adnominal como tópico, 10 são adjunto adnominal de sujeito, 3 adjunto adnominal do predicativo e 1 adjunto adnominal do objeto direto.

4 - **objeto direto** (13 ocorrências ou 2,03%)do total de CT's)

(131) "Essa 'poesia da miséria e da dor', Consiglia a aproxima das cauções dos negros americanos, dos gitanos da Andaluzia,dos ' mestiços do Brasil '."

(FSP,Séc.XX,18.7.93,C.6,10)

(132) "' A solidão da pessoa eu não a sinto "'.

(FSP,Séc.XX,14.7.93,C.1,7)

(133) "Espionagem, romance, pura sacanagem, mistério, trapalhadas, supertição, alta tecnologia, o livro tem para todos os gostos."

(FSP,Séc.XX, 11.7.93, c. 6,9)

(134) "' A Ultrafertil, uma empresa de fertilizantes, eu acho que não se deve privatizar. "'

(FSP,Séc.XX,16.7.93,C.1,7)

(135) "Negociação eles dizem que não adianta mais".

(FSP,Séc.XX,17.7.93,C.4,7)

5 - **predicativo** (12 ocorrências ou 1,87% do total de CTs).

(136) "Como responsável pela caça a PC Farias, Chaves desautorizou a declaração de seu Chefe na PF."

(FSP,Séc.XX,11.7.93,C.1,5)

(137) "'Resguardar' é o novo sinônimo criado pelos advogados do collorgate para 'fugir'".

(FSP,Séc.XX,8.7.93,C.1,10)

(138) "Um maior controle das estatais é o principal avanço na LDO."

(FSP,Séc.XX,9.7.93,C.1,6)

4.2 - O sujeito nas estruturas de tópico.

Quando tratamos do sujeito dos nossos dados do Português Arcaico (cf.3.2), tecemos algumas considerações a seu respeito que orientam, também, aqui, os itens seguintes. Estes, dizem respeito ao SN₂ da S comentário da nossa "amostragem" do Português Contemporâneo. São eles:

- a) a presença ou ausência do SN₂;
- b) os tipos de SN₂;
- c) a ordem do SN₂ em relação ao V.

a) A presença ou ausência do SN₂.

Quanto ao de sujeito (+SN₂) em uma sentença comentário de uma CT, verificamos ser alta a sua taxa de ocorrência.

QUADRO 11: Presença/ausência de sujeito em estruturas de tópico do Português Contemporâneo.

Presença/ausência de Sujeito	Total
+ SN ₂	575 (89,7%)
- SN ₂	66 (10,3%)

O quadro 11 indica que o SN₂ é predominantemente freqüente na S comentário das CTs do Português Contemporâneo (89,7% do total de CTs). A sua ausência é de 10,3% do total de CTs.

Nos quadros 9 e 10, observa-se, quanto à presença do SN₂, que o mesmo ocorre com os seguintes constituintes:

1 - Com **adjunto adnominal** como tópico: (2,2%)

(139) "Desses oito livros, dois viraram filmes de estrondoso sucesso."

(FSP,Séc.XX,21.7.93,C.4,1)

Com este constituinte (adjunto adnominal) os dados demonstram que o sujeito é sempre obrigatório.

2 - Com **predicativo** como tópico: (1,56%)

(140) "Resguardar 'é o novo sinônimo criado pelos advogados do Collorgate para fugir'".

(FSP,Séc.XX,8.7.93,C.1,10)

3 - Com **objeto indireto** como tópico: (2,2%)

(141) "Ao sultão Mangogul, personagem do romance 'Jóias Indiscretas', ele é prescrito como anti-sonífero..."

(FSP,Séc.XX,18.7.93,C.6,16)

4 - Com **objeto direto** como tópico: (1,412%)

(142) "' A solidão da pessoa eu não a sinto "'.

(FSP,Séc.XX,14.7.93,C.1,7)

5 - Com **adjunto adverbial** como tópico: (82,37%)

(143) "... disse que em palavras a sociedade está pronta a enfrentar a inflação..."

(FSP,Séc.XX,31.7.93,C.1,6)

Quanto à ausência do SN₂, registra-se que o mesmo **não** ocorre:

a) com **predicativo** como tópico : (0,31%)

(144) "Cético, sem dúvida \emptyset é".

(FSP,Séc.XX,18.7.93,C.6,5)

b) com objeto indireto como tópico : (1,1%)

(145) " ... a esses financiadores não interessa doar dinheiro aos partidos..."

(FSP,Séc.XX,3.7.93,C.1,10)

c) com objeto direto como tópico : (0,62%)

(146) " 'Algumas colocações de sua família posso cumprir tranquilamente ' "

(FSP,Séc.XX,4.7.93,C.1,7)

d) com adjunto adverbial como tópico : (8,268%)

(147) "Em suas telas, não há a busca do efeito óptico."

(FSP,Séc.XX,8.7.93,C.4,8)

Assim como nos dados do português arcaico, a função sintática que mais ocorre como tópico nas sentenças analisadas é de adjunto adverbial. Observamos a presença/ausência do sujeito nessas estruturas:

QUADRO 12: Presença/ausência de sujeito quando o tópico tem a função sintática de adjunto adverbial.

+ SN ₁ = adjunto adverbial	Presença/ausência de Sujeito	Total parcial
		+ SN ₂
	- SN ₂	53 (08,26%)
Total Geral		581 (90,6%)

Predomina, conforme mostra o quadro 12, a presença de sujeito nas CTs -

adjunto adverbial (82,37%). A não-ocorrência de SN₂ é de somente 8,26%.

b) Os tipos de SN₂

1 - Nas sentenças sem o co-referente, onde as estruturas do tipo $c [+SN_1, +SN_2, -Co-ref.]$ somam um total de 89,08%, observamos 57 sujeitos pronominais e 514 lexicais. Os sujeitos pronominais são: os pronomes pessoais eu, ele, ela; você, isso e muito.

Apresentamos abaixo sentenças com alguns dos sujeitos pronominais citados:

(148) " ' A ultrafértil, uma empresa de fertilizantes, eu acho que não se deve privatizar '".

(FSP,Séc.XX,16.7.93,C.1,7)

(149) "Negociação eles dizem que não adianta mais."

(FSP,Séc.XX,17.7.93,C.4,7)

(150) "Do cantor eu não gosto."

(FSP.Séc.XX,26.7.93,C.4,1)

Vejam-se também alguns exemplos de sujeitos lexicais (dentre os lexicais incluímos os numerais, determinantes do núcleo nominal do sujeito, que está elíptico).

(151) "Deste componente da inflação os economistas influentes não falam."

(FSP,Séc.XX,21.7.93,C.1,5)

(152) " Esse obstáculo, Cintra pretende derrubar com base em um estudo que preparou com a ajuda de um banco...."

(FSP,Séc.XX,4.7.93,C.1,19)

(153) "Desses oito livros dois viraram filme de estrondoso sucesso."

(FSP,Séc.XX,21.7.93,C.4,1)

2 - Das 4 ocorrências de tópico do tipo a [+SN₁, +SN₂, + Co-ref.], encontramos dois sujeitos pronominais (eu) e dois lexicais.

(154) "' A solidão da pessoa eu não a sinto. "'

(FSP,Séc.XX,14.7.93,C.1,7)

(155) "' na campanha do presidente Collor, eu não tive nenhum compromisso de ordem financeira com a campanha..."'

(FSP,Séc.XX,14.7.93,C.1,7)

(156) "' mais do que uma garantia para o empregado, a estabilidade deve ser vista como uma garantia para o cidadão. "'

(FSP,Séc.XX,25.7.93,jC.1,18)

(157) "Essa ' poesia da miséria e da dor ', Consiglia a aproxima das canções dos negros americanos, dos gitanos da Andaluzia, dos ' mestiços do Brasil ' ".

(FSP,Séc.XX,18.7.93,C.6,10)

c) Ordem do SN₂ em relação ao V.

Observamos aqui a ordem posposição e anteposição do sujeito em relação ao verbo em estruturas com e sem co-referente.

QUADRO 13: Posição do SN₂ em relação ao V.

FUNÇÃO SINTÁTICA	POSIÇÃO			
	+SN ₁ +SN ₂ +co-ref.		+SN ₁ +SN ₂ -co-ref.	
	ANTEPOS.	POSPOS.	ANTEPOS.	POSPOS.
Adjunto Adnominal	Ø	Ø	14	Ø
Sujeito	-	-	-	-
Agente da Passiva	-	-	-	-
Predicativo	Ø	Ø	05	05
Complemento Nominal	-	-	-	-
Objeto Indireto	Ø	Ø	12	02
Objeto Direto	02	Ø	07	Ø
Adjunto Adverbial	02	Ø	471	55
TOTAL	04	Ø	509	62

No que diz respeito ao co-referente, pode-se observar que a sua ausência predomina nos nossos dados (571 ocorrências) em estruturas como:

(158) Aos preguiçosos, ela alerta que a passividade é aliada das catástrofes."

(FSP,Séc.XX,19.7.93,C.4,5)

Já a sua presença só se dá concomitante ao SN₂, mas em baixíssima ocorrência (4 ocorrências). O co-referente não ocorre sem o sujeito.

(159) " A solidão da pessoa eu não a sinto "".

(FSP,Séc.XX,14.7.93,C.1,7)

(160) "' na campanha do presidente Collor, eu não tive nenhum compromisso de ordem financeira com a campanha..."

(FSP,Séc.XX,14.7.93,C.1,7)

(161) "' mais do que uma garantia para o empregado, a estabilidade deve ser vista como uma garantia para o cidadão"

(FSP,Séc.XX,25.7.93,C.1,18)

(162) "Essa ' poesia da miséria e da dor', Consiglia a aproxima das canções dos negros americanos, dos gitanos da Andaluzia dos ' mestiços do Brasil "

(FSP,Séc.XX,18.7.93,C.6,10)

Observando a posição do SN₂ em relação ao V, encontramos como predominante a anteposição: nas sentenças com o co-referente presente, o SN₂ só ocorre anteposto ao V, já nas sentenças sem o co-referente, anotamos 509 anteposições e 62 posposições. Em todas as funções sintáticas a anteposição predomina.

Nas CTs - adjunto adverbial, predomina também a anteposição do SN₂ em relação ao V: em sentenças sem o co-referente tem-se 471 anteposições e 55 posposições; e nas sentenças com o co-referente 02 anteposições e 0 posposição.

4.3 - Observações finais

Da nossa amostragem do Português Contemporâneo, pode-se concluir:

a) A CT típica do Português Contemporâneo é aquela em que o sujeito da S

comentário está presente e o co-referente, ausente: [+SN₁, +SN₂, - Co-ref].

b) É baixa a frequência de co-referentes. Estes, só ocorrem no ' corpus ' analisado quando o sujeito (SN₂) está presente, mesmo assim em taxas baixas (<1%), em apenas 2 funções (Objeto Direto e Adjunto Adverbial).

c) É muito alta a frequência de Adjunto Adverbial como Tópico (90,6%).

d) Encontramos 5 constituintes que ocorrem como tópico, a saber: Adjunto Adnominal, Predicativo, Objeto Indireto, Objeto Direto e Adjunto Adverbial.

e) É alta a taxa de ocorrência do SN₂ (89,7%)

f) A ordem preferencial do SN₂ em relação ao V é a anteposição (89,2%).

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DIACRÔNICA

Faremos, neste capítulo, uma análise comparativa dos dados coletados nos dois períodos - arcaico e contemporâneo - da Língua Portuguesa. Mas, antes, para efeito de clareza, queremos recolocar aqui a conceituação de Linguística Histórica proposta por Bynon (1977: 1/2), que nos orienta:

"A Linguística Histórica procura investigar e descrever a maneira pela qual as línguas mudam ou conservam suas estruturas através do tempo, seu domínio é, portanto, a língua no seu aspecto diacrônico.

(...) que a língua de fato muda através dos tempos, torna-se logo evidente quando documentos escritos na mesma língua, mas de diferentes períodos de tempo são examinados.

(...) Isto significa que é possível abstrair dos documentos a estrutura gramatical da língua de cada período e, desta forma, uma série de gramáticas sincrônicas podem ser postuladas e comparadas. As diferenças em suas estruturas

sucessivas podem ser interpretadas como reflexo do desenvolvimento histórico da língua."

Assim, fragmentos de gramática sincrônicas foram postuladas para o século XV e XX, visando ao estudo comparativo das duas descrições para, posteriormente, atingirmos o aspecto propriamente diacrônico do nosso trabalho.

Ainda segundo Bynon (1977:6) procuramos observar os 4/5 séculos que ela propõe como intervalo de tempo ideal para que a mudança lingüística seja estudada, daí as duas amostras do século XV e do século XX, do português arcaico e do português contemporâneo:

" Há um período de tempo ideal de 4/5 séculos que é mais favorável ao estudo da mudança lingüística."

As descrições sincrônicas foram feitas, com modificações, segundo Decat (1989), que, por sua vez, baseia sua descrição das estruturas de tópico em Prince (1980).

Assim sendo, a nossa comparação levará em conta alguns dos fatores descritos nos capítulos 3 e 4, sobre o Português Antigo e o Contemporâneo respectivamente.

Começaremos esta análise, referindo-nos, em primeiro lugar, às funções e tipos sintáticos das CTs no Português Arcaico e no Contemporâneo, resumidos aqui no quadro 14.

QUADRO 14 : Quadro comparativo (Nº e %) das funções e tipos sintáticos das CTs do Português Arcaico e Contemporâneo.

FUNÇÃO SINTÁTICA	TIPOS SINTÁTICOS																			
	OCORRÊNCIAS				+SN ₁ , -SN ₂ , +Co-ref.			+SN ₁ , +SN ₂ , -Co-ref.			+SN ₁ , -SN ₂ , -Co-ref.									
	P. Arcaico		P. Cont.		P. Arcaico		P. Cont.		P. Arcaico		P. Cont.		P. Arcaico		P. Cont.					
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%				
Adj. Adnominal	3	0,85	14	2,2	2	0,57	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	14	2,2	1	0,28	Ø	Ø	
Sujeito	3	0,85	-	-	Ø	Ø	-	-	Ø	Ø	-	-	Ø	Ø	-	3	0,85	-	-	
Ag. Passiva	6	1,7	-	-	Ø	Ø	-	-	Ø	Ø	-	-	3	0,85	-	3	0,85	-	-	
Predicativo	12	3,4	12	1,87	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	5	1,4	10	1,56	7	2	2	0,31
Com. Nominal	24	6,8	-	-	Ø	Ø	-	-	Ø	Ø	-	-	5	1,4	-	-	19	5,4	-	-
Obj. Indireto	58	16,4	21	3,3	2	0,57	Ø	Ø	1	0,28	Ø	Ø	11	3,12	14	2,2	44	12,4	7	1,1
Obj. Direto	79	22,4	13	2,03	2	0,57	2	0,31	5	1,42	Ø	Ø	7	2	7	1,1	65	18,4	4	0,62
Adj. Adverbial	168	47,6	581	90,6	3	0,85	2	0,31	5	1,42	Ø	Ø	48	13,6	526	82,1	112	31,7	53	8,27
TOTAL	353	100	641	100	9	2,6	4	0,62	11	3,1	Ø	Ø	79	22,3	571	89,1	254	72	66	10,3

Por este quadro se vê que o Português Contemporâneo apresenta um número menor de funções sintáticas ocorrendo como tópico do que o Português Arcaico. Neste último, as CTs exercem oito funções: adjunto adnominal, sujeito, agente da passiva, predicativo, complemento nominal, objeto indireto, objeto direto e adjunto adverbial. No Contemporâneo, apenas cinco funções sintáticas foram identificadas; CTs - sujeito, agente da passiva e complemento nominal não ocorreram.

Essa variedade de funções - pelo menos cinco na língua contemporânea - parecem corroborar a observação de Pontes (1987) de que " em português qualquer SN pode ser tópico ", observação esta que se refere à língua contemporânea e não à arcaica.

Um fato relevante, evidenciado por nossa amostragem, é o adjunto adverbial como a função que predomina nas CTs dos dois períodos. No "corpus" do PA encontram-se 168 CTs - adjunto adverbial, num total de 353 estruturas, isto é, 47,6% das funções das CTs são adverbiais. No P.Cont., 581 CTs - adjunto adverbial foram encontradas, perfazendo 90,6% do total das funções sintáticas (641 CTs).

Como colocado na Introdução, um dos tipos sintáticos candidatos à mudança Top>Suj seria o que apresenta o adjunto adverbial tópico reinterpretado como sujeito. A predominância desta função nos dados sob análise leva-nos, portanto, a colocar a "função sintática" do tópico como parte dos fatores estruturais que podem propiciar a referida mudança, e, dentre as funções, a focalizar nossa atenção nas CTs - adjunto adverbial. Estas farão parte do "encaixamento estrutural" das CTs.

Fazendo a leitura dos tipos sintáticos, pode-se observar, ainda pelo quadro 14, que a CT - típica, isto é, a mais freqüente do Português Arcaico é a que apresenta a descrição [+SN₁, -SN₂, -Co-ref.], o tipo d (72%); enquanto que a do Português Contemporâneo é a do tipo c (89%) representada por [+SN₁, +SN₂, -Co-ref.]. A seguir apresentamos uma amostra de cada um desses tipos sintáticos, a saber, P.A. e P.Cont.:

(162) " Todos bẽes terreaaes Ø despreçou ..."

(L.Cons., séc. XV, cap. LXXXVII, p. 326,5)

(163) " Negociação eles dizem que não adianta mais."

(F.S.P., séc. XX, 17.7.93, c. 4,7)

Em ordem decrescente, em termos de freqüência de ocorrência, seguem à CT - típica, no Português Arcaico, os tipos:

1º) tipo c : [+SN₁, +SN₂, -Co-ref.] (22,3%)

(164) " No sacco roto sam lançadas as riquezas ..."

(L.Cons., séc. XV, cap. LR, p. 339,25-26)

2º) tipo b : [+SN₁, -SN₂, +Co-ref.] (3,1%)

(165) " A guerra dos mouros Ø tenhamos que he bem de a fazer pois que a santa igreja assy o determina ..."

(L.Cons., séc. XV, cap. XVII, p. 62,16-18)

3º) tipo a : [+SN₁, +SN₂, +Co-ref.] (2,6%)

(166) "Primeiro, quanto aa consciência, errom muytos em a teer muyto targa..."

(L.Cons., séc. XV, cap. LVII, p. 242,5-6)

No Português Contemporâneo, também em ordem decrescente, seguem à CT típica, os tipos:

1º) tipo d : [+SN₁, -SN₂, -Co-ref.] (10,3%)

(167) " Aos trabalhadores ∅ caberia desenvolver uma campanha para convencer a população a pedir nota fiscal em qualquer compra."

(F.S.P., séc. XX, 23.7.93, c. 1.4)

2º) tipo a : [+SN₁, +SN₂, +Co-ref.] (0,62%)

(168) " 'A solidão da pessoa eu não a sinto.' "

(F.S.P., séc. XX, 14.7.93, c. 1.7)

No período contemporâneo, observamos ainda uma lacuna: ausência do tipo b: [+SN₁, -SN₂, +Co-ref.], o que vem sugerir, em relação à posição do sujeito, que esta está sendo preenchida, uma vez que é alta a frequência de SN₂ explícito na língua contemporânea.

Após essas observações mais gerais e baseando-nos nas descrições sintáticas, detalharemos a seguir os seguintes aspectos, já superficialmente mencionados, que ressaltaram das descrições sincrônicas:

1 - A baixa frequência de co-referência nas CTs, tanto no período arcaico, quanto no contemporâneo;

2 - O preenchimento ou não da posição de sujeito nos dois períodos de língua descritos;

3 - O papel do adjunto adverbial nas CTs.

5.1 - A Co-referência

De acordo com o "corpus" pesquisado, constatamos que o co-referente ocorre com uma frequência bastante baixa, tanto no período arcaico da língua, quanto no período contemporâneo.

a) Nos dados do Português Arcaico, foram registradas 20 ocorrências de CTs com co-referência em um total de 353 sentenças analisadas, isto é, 5,7% do total de CTs, divididas em dois tipos sintáticos - com [+SN₂] e sem sujeito [-SN₂]:

1 - Com o tipo sintático a: [+SN₁,+SN₂,+Co-ref.] contamos 9 ocorrências, correspondendo a 2,6% do total de CTs.

(169) " O poder, quanto com grande sentido nos feitos se acrescenta, cadahũu per ssy o pode julgar."

(L.Cons., séc. XV, cap. LXXVII, p. 289, 13-14)

2 - Com o tipo sintático b: [+SN₁,-SN₂,+Co-ref.] contamos 11 ocorrências, correspondendo a 3,1% do total de CTs.

(170) " por que aos tristes muytas vezes lhes praz fallar ..."

(L.Cons., séc. XV, cap. LXXXIII, p. 311, 15)

b) Nos dados do Português Contemporâneo, o índice de ocorrências de co-referente é ainda mais baixo. De 641 estruturas de tópico analisadas observamos 4 ocorrências do co-referente que correspondem a 0,62% do total de CTs.

Ressaltamos que todas elas figuram do tipo sintático a : [+SN₁,+SN₂,+Co-ref.], sendo aqui apresentadas:

(171) " 'na campanha do presidente Collor, eu não tive nenhum compromisso de ordem financeira com a campanha ...' "

(F.S.P., séc. XX, 14.7.93, c. 1.7)

(172) " 'mais do que uma garantia para o empregado, a estabilidade deve ser vista como uma garantia para o cidadão.' "

(F.S.P., séc. XX, 25.7.93, c. 1.18)

(173) " Essa 'poesia da miséria e da dor', Consiglia a aproxima das canções dos negros americanos, dos gitanos da Andaluzia, dos 'mestiços do Brasil'. "

(F.S.P., séc. XX, 18.7.93, c. 6.10)

(174) " 'A solidão da pessoa eu não a sinto.' "

(F.S.P., séc. XX, 14.7.93, c. 1.7)

Conforme se observa no Português Contemporâneo, a co-referência só ocorre quando o sujeito também ocorre. Não a registramos com sujeito ausente, isto é, com o tipo sintático b: [+SN₁,-SN₂,+Co-ref.]. Acrescente-se ainda que (171), (172) e (174) são estruturas de língua oral, ou melhor, são "falas" que foram transcritas; mostrando, portanto, ser a presença de co-referente baixa em língua escrita, reduzindo a 1 ocorrência nos dados: o exemplo (173).

O fato de registarmos a baixa taxa de co-referência, tanto do P.A. como no P. Cont., leva-nos, desde já, a não "encaixar" a mudança TOP>SUJ que se quer comprovar neste trabalho, como dependente de uma mudança no sistema de

clíticos, assim como proposto por Decat no trabalho discutido. Apesar de a mesma apontar para o fato de que no P. Cont., o co-referente clítico é ausente, sugerindo uma mudança de codificação de co-referência de clíticos para pronomes pessoais tônicos - que talvez seja uma diferença entre o Português Brasileiro e o Lusitano -, seus dados mostram um decréscimo geral dos clíticos na língua a partir da segunda metade do século XIX, e um aumento dos mesmos em termos percentuais nas CTs da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX.

As baixas taxas de co-referência apresentadas não nos levaram a evidenciar um decréscimo de clíticos. Comparando-se a presença de co-referência do P.A. com o Português Contemporâneo constata-se um decréscimo da mesma de 5,7% no P.A. e 0,62% no Português Contemporâneo, o que não significa que tenha havido um decréscimo do uso dos clíticos também.

Consideramos nossos dados insuficientes para que a questão dos clíticos fosse detalhada como parte da co-referência e fator condicionante da mudança Top>Suj.

Calculando a margem de erro dos números apresentados, verificamos que os 5,7% ($\pm 5,3\%$) poderiam atingir até 10% ou ser \emptyset , no caso do P.A.; e no P. Cont. os 0,62% ($\pm 3,9\%$), poderiam atingir os 4% ou abaixar a \emptyset . Como se vê, a possibilidade da presença de co-referência neste "corpus" é de menos de 5% do total de CTs.

5.2. - A Frequência de ocorrência do SN₂ no Português Arcaico e no Português Contemporâneo

O fato de o sujeito estar presente ou ausente na S comentário das estruturas de tópico aqui estudadas foi o segundo ponto que nos chamou atenção nesta pesquisa pois, confrontando os dados dos dois períodos de língua analisados, observamos:

QUADRO 15: Ocorrência de SN₂ na S comentário das CTs.

	PORT. ARCAICO		PORT. CONTEMPORÂNEO	
	Nº	%	Nº	%
+SN ₂	88	24,9%	575	89,7%
-SN ₂	265	75,1%	66	10,3%
TOTAL	353	100%	641	100%

a) Sua ocorrência no Português Arcaico é baixa: 88 ocorrências num total de 353 CTs, o que corresponde em número a 24,9% do total de CTs deste período.

b) Sua ocorrência no Português Contemporâneo é alta: 575 ocorrências num total de 641 CTs, correspondendo a 89,7% do total de CTs.

O quadro seguinte reúne os números relativos à presença/ausência de SN₂ na S comentário das CTs, tendo em vista a função sintática destas. Mostra também o posicionamento do SN₂ em relação ao verbo (anteposição ou posposição) : ou +SN₁ ... V... SN₂, ou +SN₁ ... SN₂ ... V.

QUADRO 16: Ocorrência de SN₂ da S comentário das CTs, tendo em vista a função sintática das mesmas.

	FUNÇÃO SINTÁTICA	PORTUGUÊS ARCAICO		PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO			
			antepos.	pospos.		antepos.	pospos.
+SN ₂	Adjunto Adnominal	2	2	Ø	14	14	Ø
	Sujeito	Ø	Ø	Ø	-	-	-
	Agente da Passiva	3	Ø	3	-	-	-
	Predicativo	5	Ø	5	10	5	5
	Complemento Nominal	5	5	Ø	-	-	-
	Objeto Indireto	13	5	8	14	12	2
	Objeto Direto	9	5	4	9	9	Ø
	Adjunto Adverbial	51	42	9	528	473	55
	TOTAL	88	59	29	575	513	62
-SN ₂	Adjunto Adnominal	1		Ø			
	Sujeito	3		-			
	Agente da Passiva	3		-			
	Predicativo	7		2			
	Complemento Nominal	19		-			
	Objeto Indireto	45		7			
	Objeto Direto	70		4			
	Adjunto Adverbial	117		53			
	TOTAL	265		66			

Das 88 ocorrências de SN₂ nas S comentário das CTs do Português Arcaico, observamos como predominante a sua anteposição ao verbo - 59 ocorrências (67%). Ocorrências estas, constatadas quando o tópico tem a função sintática de adjunto adnominal, complemento nominal, objeto indireto, objeto direto e adjunto adverbial. Com as funções adjunto adnominal e complemento nominal o SN₂ é sempre anteposto.

Quando o SN₂ é posposto ao verbo, ele co-ocorre com as CTs - agente da passiva, predicativo, objeto indireto, objeto direto e adjunto adverbial. Nas duas primeiras funções sintáticas, salientamos sua posposição, sempre.

No Português Contemporâneo a anteposição do sujeito também predomina. Das 575 ocorrências de SN₂, observamos 513 anteposições deste em relação ao V. Ela ocorre em todas as funções sintáticas, enquanto que sua posposição, em número bem inferior, não acontece quando ocorrem CT - adjunto adnominal e CT - objeto direto.

Resumimos, da seguinte maneira, o "problema" do SN₂ da S comentário no nosso "corpus".

a) O P.A. apresenta ausência de sujeito em 75,1% de suas CTs. Em 24,9%, onde ocorre o SN₂, 14,7% mostra este sintagma na posição pré-verbal e 10,2%, pós-verbal.

b) O P. Cont. apresenta o sujeito lexical ou pronominalmente preenchido em 89,7% de suas CTs. Destas, em 80% ele é anteposto, e em 9,7% posposto ao verbo.

Sobre o deslocamento do sujeito para depois do verbo, Mattos e Silva (1989: 793) afirma que "decorre ou do deslocamento do complemento para primeira posição (...) para pô-lo em destaque; ou de haver, no início do enunciado circunstanciais : 'advérbios', sintagmas circunstanciais subordinadas circunstanciais (...) . Embora um circunstancial iniciando o enunciado principal seja uma condição que favorece, na maioria das vezes, o deslocamento do sujeito para depois do verbo, há casos em que ocorrendo circunstancial o sujeito não se desloca (...). Em outros casos, raros, o sujeito está depois do verbo muito possivelmente para pô-lo em realce."

Conforme se pode observar, os nossos dados não confirmam a citação

acima pois, o sujeito, como já foi demonstrado, não costuma se deslocar, mesmo nos "enunciados circunstanciais".

5.3. - A alta freqüência de adjunto adverbial como tópico

Nosso interesse nesta seção é estudar mais detalhadamente as CTs - adjunto adverbial, já que nossos dados demonstraram que tanto no P.A. como no P. Cont., o uso de Adjunto Adverbial como tópico é bem superior às demais funções sintáticas. Observaremos no quadro 17, abaixo, as CTs - adjunto adverbial.

QUADRO 17: Quadro comparativo dos tipos sintáticos das CTs - adjunto adverbial.

CT - ADJUNTO ADVERBIAL									
OCORRÊNCIAS		TIPOS SINTÁTICOS							
		+SN ₁ , +SN ₂ , +Co-ref.		+SN ₁ , -SN ₂ , +Co-ref.		+SN ₁ , +SN ₂ , -Co-ref.		+SN ₁ , -SN ₂ , -Co-ref.	
P.A.	P.Cont.	P.A.	P.Cont.	P.A.	P.Cont.	P.A.	P.Cont.	P.A.	P.Cont.
N ^o	N ^o	N ^o	N ^o	N ^o	N ^o	N ^o	N ^o	N ^o	N ^o
168	581	3	2	5	∅	48	526	112	53
%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
47,6	90,6	0,85	0,312	1,42	∅	13,6	82,06	31,73	8,268

Confrontando as ocorrências apresentadas no quadro 17, depreende-se que o tipo mais freqüente das CTs - adjunto adverbial no período arcaico da língua é o d : [+SN₁, -SN₂, -Co-ref.], representando 31,73% do total das funções das CTs; e no período contemporâneo, o tipo c : [+SN₁, +SN₂, -Co-ref.], cobrindo 82,059% das possíveis funções das CTs.

Observa-se que o protótipo da CT no P.A. é o d : [+SN₁, +SN₂, -Co-ref.], e, no P. Cont., o c : [+SN₁, +SN₂, -Co-ref.]. Os mesmos tipos sintáticos d e c são os

mais freqüentes com os adjuntos adverbiais no P.A. e P. Cont., isto é, o quadro geral das CTs se reafirma quando a função do tópico é **adjunto adverbial**.

Passamos agora a observar a ocorrência ou não de preposições nas CTs - adjunto adverbial. O quadro 18 nos permitirá visualizar esse aspecto.

Conforme explicado no cap. 3 (pág. 71 e 72), os adjuntos adverbiais estão sendo considerados como sintagmas nominais circunstanciais que podem ou não vir preenchidos por preposição. Sua descrição seria como em (a), em que o nóculo mais alto é um SN, e não um S prep., como em (b).

a)



Para qualquer uma dessas descrições, o apagamento da preposição não se coloca como um problema operacional, e tem sido já amplamente discutido na literatura lingüística (cf. Pizzini (1977), Cohen (1982), Tarallo (1983), Pontes(op. cit), dentre outros muitos). Qualquer que seja a descrição adotada, o fato é que, acompanhando o SN sujeito, a preposição não pode aparecer.

QUADRO 18: Ocorrência de CTs - adjunto adverbial com preposição e sem preposição.

CT - ADJ. ADV.	PORTUGUÊS ARCAICO				PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO			
	+SN ₁ , +SN ₂ , +Co-ref	+SN ₁ , -SN ₂ , +Co-ref	+SN ₁ , +SN ₂ , -Co-ref	+SN ₁ , -SN ₂ , -Co-ref	+SN ₁ , +SN ₂ , +Co-ref	+SN ₁ , -SN ₂ , +Co-ref	+SN ₁ , +SN ₂ , -Co-ref	+SN ₁ , -SN ₂ , -Co-ref
+prep.	3	5	48	110	2	∅	450	50
-prep.	∅	∅	∅	2	∅	∅	76	3

Conforme se pode observar, predomina nas CTs - adjunto adverbial o SN circunstancial com preposição (98% no P.A., e, 86% no P. Cont.). Exemplificamos abaixo algumas ocorrências, tanto no P. A., quanto no P. Cont., observando os seus tipos sintáticos.

No Português Arcaico, os quatro tipos sintáticos ocorrem com preposição.

a) [+SN₁,+SN₂,+Co-ref.]

(175) " Nas trescamaras, os feitos da honrra, tirando dellas toda cousa que aa virtude seja contraira".

(L.Cons., séc. XV, cap. LXXXI, p. 304, 7-8)

(176) " Por que antre as graadezas, aquellas que por nosso senhor deos se fazem som de maior merecimento."

(L.Cons., séc. XV, cap. XXIX, p. 116, 17)

b) [+SN₁, -SN₂, +Co-ref.]

(177) " ... per speriencia de mynha corte bem se pode conhecer he de sse fastar della ..."

(L.Cons., séc. XV, cap. LIV, p. 234, 13-15)

c) [+SN₁,+SN₂, -Co-ref.]

(178) " Em hũu livro que se chama de Oficiis, que fez Tulyu, eu lii da dicta virtude esta palavra..."

(L.Cons., séc. XV, cap. LXXXIII, p. 329, 1-2)

d) [+SN₁, -SN₂, -Co-ref.]

(179) " Nos cousas contrarias devemos temperar..."

(L.Cons., séc. XV, cap. LXXV, p. 284,17)

Sem preposição, observamos apenas duas ocorrências de CT - adjunto adverbial no tipo d acima citado. São as estruturas:

(180) " ... se algũns camynhos perigosos e que nom saibhamos avemos de passar..."

(L.Cons., séc. XV, cap. XXXV, p. 138,15-16)

(181) " Que nunca em cella muyto se confii..."

(L.Cons., séc. XV, cap. II, p. 14,9)

No Português Contemporâneo observamos SN - circunstanciais com preposição em três tipos sintáticos, à exceção do tipo b : [+SN₁, -SN₂, +Co-ref.].

a) [+SN₁, +SN₂, +Co-ref.]

(182) " 'mais do que uma garantia para o empregado, a estabilidade deve ser vista como uma garantia para o cidadão. ' "

(F.S.P., séc. XX, 25.7.93, c. 1.18)

(183) " 'na campanha do presidente Collor, eu não tive nenhum compromisso de ordem financeira com a campanha ...' "

(F.S.P., séc. XX, 14.7.93, c. 1.7)

b) [+SN₁, +SN₂, -Co-ref.]

(184) " O diretor da P.F. afirma que, em algumas delegacias, três em cada cinco

agentes são sindicalistas."

(F.S.P., séc. XX, 27.7.93, c. 1.8)

(185) " disse que em palavras a sociedade está pronta a enfrentar a inflação..."

(F.S.P., séc. XX, 31.7.93, c. 1.6)

(186) " Por carta, telefone ou mesmo pessoalmente, o público dizia que a serenidade do âncora não combinava com os textos apelativos do telejornal."

(F.S.P., séc. XX, 1.7.93, c. 4.5)

c) [+SN₁, -SN₂, -Co-ref.]

(187) " ... em toda a minha infância fui marcado pelas histórias em quadrinhos e pelo cinema."

(F.S.P., séc. XX, 31.7.93, c. 4.4)

(188) " ... de determinado ângulo da rua de casas de dois andares, podemos ver os edifícios mais altos do mundo."

(F.S.P., séc. XX, 2.7.93, c. 4.4)

Como CT - adjunto adverbial, sem preposição, observamos no período contemporâneo, ocorrências com os tipos:

a) [+SN₁, +SN₂, -Co-ref.]

(189) " Este ano, o orçamento da Fiocruz é de US\$ 100 milhões. "

(F.S.P., séc. XX, 26.7.93, c. 1.9)

(190) " Um dia depois da votação da política salarial, Itamar abraçou

demoradamente o ex-ministro da Fazenda Gustavo Krause..."

(F.S.P., séc. XX, 15.7.93, c. 1.4)

b) [+SN₁, -SN₂, -Co-ref.]

(191) " 'Este ano faremos um segundo, a fim de planejar a entidade para o século 21."

(F.S.P., séc. XX, 26.7.93, c. 1.9)

Passemos agora a observar nos tipos de CTs - adjunto adverbial, especificamente as locativas. O quadro abaixo indica os números de ocorrência dos locativos encontrados no nosso "corpus" arcaico e contemporâneo.

QUADRO 19: Ocorrências de CTs - adjunto adverbial locativas

PORTUGUÊS ARCAICO				PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO			
+SN ₁ , +SN ₂ , +Co-ref	+SN ₁ , -SN ₂ , +Co-ref	+SN ₁ , +SN ₂ , -Co-ref	+SN ₁ , -SN ₂ , -Co-ref	+SN ₁ , +SN ₂ , +Co-ref	+SN ₁ , -SN ₂ , +Co-ref	+SN ₁ , +SN ₂ , -Co-ref	+SN ₁ , -SN ₂ , -Co-ref
2	3	15	19	1	∅	239	31

Das 168 ocorrências de CTs - adjunto adverbial no P.A., observamos 39 adverbiais locativos (23%). No P. Cont., das 581 ocorrências de CTs - adjunto adverbial, temos 271 adverbiais locativas, isto é, quase a metade das adverbiais, mais precisamente 46,6%.

Dentre os adjuntos adverbiais locativos, o tipo mais freqüente no P.A. é [+SN₁, -SN₂, -Co-ref.] e no P. Cont., [+SN₁, +SN₂, -Co-ref.].

Esse aspecto é relevante, pois um dos tipos de CTs que têm sido confundidas com o SJ é o que teria um SJ locativo, ou em termos

transformacionais, a estrutura que viria de uma S com um adjunto adverbial que se alçaria a SJ, como em (i), (ii), (iii) e (iv) abaixo:

- (i) Bate muito sol nesta casa.
- (ii) Não cabe mais nada nas minhas gavetas.
- (iii) Tá fazendo frio na Pampulha.
- (iv) Não chove em Cabo Frio.

Observamos que nesses tópicos adverbiais, o que tem sido reinterpretado como sujeito são os locativos, daí o detalhamento desse aspecto.

O tipo sintático que propiciaria essa mudança Top>Suj, partindo da hipótese de que esse Top seja um adjunto adverbial, é [+SN₁, -SN₂, -Co-ref.], com as seguintes condições:

- . SN₁ pode ser locativo
- . -SN₁ é [-prep]
- . V tem de estar na 3a. p. sing., pois essa é a forma não-marcada, neutra, que não dá informação sobre o SJ.

Sob essas condições, qualquer primeiro SN antes do V poderia ser interpretado como SJ.

Esse tipo sintático, assim detalhado, não é, no entanto, o mais freqüente no "corpus" analisado. Nossa análise nos leva mais às restrições a essa mudança

do que propriamente à sua descrição. Isto se dá porque:

a) No P. Cont. a maioria das CTs - adjunto adverbial são acompanhadas de preposição, o que as impede de serem consideradas sujeitos (dentre outros fatores).

b) A posição do sujeito vem, na maioria dos casos, lexicalmente/ pronominalmente preenchida, sendo este anteposto ao V, impedindo a interpretação de qualquer outro SN contíguo como sujeito.

CONCLUSÃO

Investigamos neste trabalho as construções de tópico na modalidade escrita do Português. Duas fases de língua foram, para tal, selecionadas: o século XV, representando o Português Arcaico, e o Contemporâneo.

Para estudarmos tais estruturas, partimos de um levantamento bibliográfico do assunto, assim como tratado pelas gramáticas tradicionais, sincrônicas e históricas, como também por artigos e pesquisas de orientação mais moderna. Nas gramáticas tradicionais e históricas, detivemo-nos nos conceitos de "anacoluto" e "pleonasma", assim como nos comentários de diversos autores sobre a "ordem" e o "desvio" sintáticos. Nos trabalhos de orientação mais moderna, nos inteiramos do que se tem observado sobre as construções de tópico, tanto sob o ponto-de-vista sincrônico (cf. Puccini, 1988; Pontes, 1987; Braga, 1986), como sob o ponto-de-vista diacrônico, em Decat (1989), o único trabalho existente sobre o assunto, nessa perspectiva, de que tivemos conhecimento. Seu estudo volta até o século XVIII apenas, e, optamos, então, por retroceder mais no tempo, e apresentar uma descrição sistematizada das construções de tópico do século XV.

Os dados coletados em textos, entendidos como representativos da língua

da época em que foram escritos, permitiram-nos uma análise de base empírica, assim como propõem Bynon (1977) e Mattos e Silva (1989) para os estudos diacrônicos.

Sincronicamente, coletamos e analisamos as CTs nas duas fases da língua, descrevendo-as em termos de tipos sintáticos que levaram em conta o tópico, a presença/ausência de sujeito explícito e a presença/ausência de co-referente. Os tipos básicos, são os reapresentados abaixo, com variação em termos de frequência de ocorrência, função sintática, etc., nas duas fases estudadas:

- a) [+SN₁,+SN₂,+Co-ref.]
- b) [+SN₁,-SN₂,+Co-ref.]
- c) [+SN₁,+SN₂,-Co-ref.]
- d) [+SN₁,-SN₂,-Co-ref.]

Diacronicamente, comparamos as análises propostas para os dois períodos de língua, segundo Bynon (op. cit.), visando tratar, posteriormente, caso a análise nos permitisse concluir, da mudança Top>Suj. apresentada na bibliografia especializada.

Reconhecemos que o tipo sintático d : [+SN₁,-SN₂,-Co-ref.] é o prototípico do Português Arcaico, e que o tipo c : [+SN₁,+SN₂,-Co-ref.], o do Português Contemporâneo. Evidenciou-se que o que os diferencia é a predominante ausência do sujeito explícito no P.A., e seu preenchimento no P. Cont.. O co-referente, considerado como fator desencadeador da mudança em discussão por Decat (op. cit.) e amplamente discutido por Pontes (op. cit), por exemplo, não se mostrou relevante em nosso estudo, uma vez que ocorreu numa porcentagem baixíssima nos dois períodos da língua.

Encaixamos nossa descrição sincrônica em outros fatores; a função sintática exercida pelo tópico, já sugerida por Pontes (op. cit.), e, dentre essas, na função adverbial dos mesmos, dada sua predominância em relação à outras funções sintáticas que o tópico pode exercer nas duas fases da língua. Dentre as CTs adverbiais, focalizamos, no Contemporâneo, as locativas, embora não tenhamos nos aprofundado em sua análise. São essas estruturas locativas que, sem a presença do SN₂ e sem a preposição acompanhando o SN circunstancial, propiciariam a mudança propriamente dita (cf. Introdução). No entanto, não nos aprofundamos no detalhamento dessa mudança, mas nas restrições à mesma, cumprindo apenas duas das cinco etapas propostas por Labov, Weinreich e Herzog (1968), para o estudo de mudanças lingüísticas com fundamentação empírica, que aqui repetimos:

- a) " Quais são os fatores gerais efetivos para a mudança - se é que existem - que determinam e distinguem possíveis mudanças de mudanças impossíveis do sistema e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudança?"
- b) " Como uma determinada mudança lingüística se encaixa no sistema circundante de relações sociais e lingüísticas?"

(Tarallo, 1986: 73)

a) Para encerrar

Retomando as conceituações de anacoluto, e mesmo de pleonasma da gramática tradicional, no que se refere à impossibilidade de se conferir às mesmas uma análise sintática, consideramos que qualquer uma das versões de análise proposta pelos trabalhos mais recentes discutidos, seja "Topicalização", seja "Deslocamento para a esquerda" - numa perspectiva gerativo -

transformacional - ou mesmo a de "tópico" - numa abordagem funcionalista - discursiva - constitui um avanço no conhecimento sobre o assunto em relação à postura tradicional.

Nas análises contemporâneas, o entrelace sintaxe/discurso é, se não totalmente explícito, pelo menos mais elaborado. Nelas, o escopo da sintaxe se expande, seja por desdobrar o nível da sentença em S e S' (cf. pág. 41), seja por considerar o tópico como uma "entidade" da sintaxe das línguas, ao mostrar que em algumas línguas este é mais comum do que o sujeito propriamente (cf. Pontes, 1987:11). Estruturas de tópico seriam, então, sob tal visão, parte da sintaxe - não apenas figura de linguagem, de estilo; não-analisáveis sintaticamente -, de uma sintaxe mais abrangente do que a tradicional, cuja existência foi evidenciada por estudos trans-lingüísticos.

Nota-se, no entanto, que a tensão entre sintaxe e discurso existe, pois nos casos em que o Tópico se gramaticiza como SJ (Givón, 1974), é a pressão de se conformar ao padrão não-marcado SVO que atua, numa tendência, diga-se, homogeneizadora.

Além de contribuir para estender o escopo da sintaxe, a abordagem moderna de CTs entrelaça Anacoluto e Pleonasma, tratados separadamente pela gramática tradicional. Estas análises atingem, portanto, um grau de generalização mais adequado do fenômeno, já que através de descrições como "CTs com/sem co-referente", dá-se conta de aspectos que a gramática rotula como processos diferentes, mais ligados à Estilística, Retórica e Literatura, do que aos estudos lingüísticos em sentido estrito. Rompe-se, dessa forma, com o "atomismo" descritivo, que caracteriza muitas gramáticas tradicionais, principalmente as históricas.

Esperamos ter contribuído, com este estudo, para uma maior compreensão das Construções de Tópico em Língua Portuguesa, através da análise diacrônica baseada principalmente através da sistematização de tipos sintáticos das CTs do século XV, período para o qual, segundo nosso conhecimento, nenhuma descrição detalhada havia sido proposta para a questão tópico.

Gostaríamos de ressaltar, na parte sincrônica da análise, os seguintes resultados:

- a) o estabelecimento dos quatro tipos sintáticos;
- b) o estabelecimento de protótipos de CT para cada período, Arcaico e Contemporâneo;
- c) a predominância das CTs adverbiais, em termos de frequência de ocorrência, nos dois períodos da língua;
- d) a baixa frequência da co-referência nos dois períodos da língua;
- e) a alta frequência da posição de Sujeito ' preenchido ' no Português Contemporâneo.

Na parte diacrônica, destacamos:

1º) quanto às restrições :

- a) o tipo CT adverbial no qual a mudança Top>Suj. parece ser bloqueada;
- b) a alteração no comportamento do Sujeito explícito, que é recessivo no período arcaico e, dominante, no contemporâneo, também como restrição à mudança;
- c) o fato de não termos comprovado a atuação do co-referente na mudança, seja

por lacuna no nosso "corpus", seja por inadequação da metodologia para tratamento desses aspectos;

2º) quanto à mudança propriamente dita, ressaltamos:

- a) o "encaixamento" da mesma no sub-sistema dos SNs circunstanciais ou adverbiais, pelo menos para um dos tipos propostos por Pontes(1987);
- b) a indicação de que, dentre os adverbiais, a mudança envolverá as expressões locativas, fato não explorado na dissertação.

Dentro das limitações com que nos defrontamos, esperamos ter cumprido satisfatoriamente os propósitos sincrônicos e diacrônicos desta pesquisa, pois como colocado na conceituação de Linguística Histórica que nos orientou:

" A Linguística Histórica procura investigar e descrever a maneira pela qual as línguas mudam ou conservam suas estruturas através do tempo. "

(Bynon, 1977: 1/2)

Como se pode avaliar, investigamos e descrevemos as construções de tópico; indicamos o caminho de como algumas dessas podem mudar e verificamos porque algumas delas se conservaram com o passar do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa. São Paulo, Ed. Companhia Nacional, 28a. edição, 1983.
02. BRANDÃO, Cláudio. Sintaxe Clássica Portuguesa. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.
03. BRAGA, M.L. "Construções de Tópico de Discurso". em Relatório Final do Projeto Subsídios Sociolinguísticos Censo à Educação. FINEP, 1986.
04. BYNON, Th. Historical Linguistics. London, CUP, 1977.
05. ----- . "Pronoun and Verb agreement in typological and diachronic perspective." em Working Papers in Linguistics and Phonetics - Department of Phonetics and Linguistics SOAS, LONDON UNIVERSITY, 1990.
06. CEGALLA, D. P. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. Ed. Companhia Nacional, 34a. edição, 1991.
07. CESCHIN, O. História da Língua Portuguesa IV. Século XVII. São Paulo, Ática, 1988.
08. COHEN, M.A.A.M. Oração Relativas Restritivas em Português registro formal e informal. Dissertação de mestrado, UFMG, 1981.
09. ----- . "O papel da lingüística histórica no panorama dos estudos lingüísticos brasileiros". Conferência, UFOP, 1989.
10. ----- . "Syntactic Change in Portuguese: Relative Clauses and

- the Position of the Adjective in the Noun Phrase". Tese de doutorado inédita, UNICAMP, 1990.
11. CUNHA, Antônio Geraldo da. Moderna Gramática Portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982.
 12. CUNHA, C. & LINDLEY CINTRA, L.F. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.
 13. CRYSTAL, David. Dicionário de Lingüística e Fonética. (Tradução e adaptação: Maria Carmelita Pádua Dias, PUC-RJ). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
 14. DECAT, M.B.N. "Construções de Tópicos em Português: Uma abordagem Diacrônica à Luz do Encaixamento no Sistema Pronominal". em Tarallo, F.L. (org.) Fotografias Sociolingüísticas, Pontes, São Paulo, 1989.
 15. DIAS, A. Epiphânio da Silva. Syntaxe Histórica Portuguesa. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 5a. edição, 1970.
 16. FREIRE, Laudelino. Syntaxe da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Editora ABC Limitada, 1937.
 17. GIVÓN, T. On understanding grammar. New York, Academic Press, 1979.
 18. HÜBER, J. (1933) Gramática do Português Antigo. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Tradução portuguesa do original alemão intitulado Altportugiesisches Elementarbuch. Carl Winters. Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1987.
 19. KATO M. e TARALLO F. "Anything you can do in Brazilian Portuguese" em Studies in Romance Linguistics, Foris Publications, USA, Jeaggi e Corvalán (eds), 1986.
 20. LABOV, W. " Ont the use of the present to explain the past", em L. Heilmann Procedings of the Eleventh International Congress of Linguist, Bologna, 1974.
 21. LAPA, M. Rodrigues. Lições da Literatura Portuguesa, Coimbra Editora

- Ltda., 6a. Edição, 1966.
22. LEAL, M.A. F. "Complementos preposicionados no sintagma verbal do Português: uma abordagem sincrônica e diacrônica". Dissertação de mestrado, UFMG, 1992.
 23. LIGHTFOOT, D. Principles of Diachronic Syntax. London, CUP, 1979.
 24. LOPES, Fernão (1935). Cronica delrei Dom Joham, in Entwistle, W.J. (ed.)(1945).
 25. MARTINS, N. S. História da Língua Portuguesa V. Século XIX. São Paulo, Ática, 1988.
 26. MARQUES, F. Costa. Trechos escolhidos século XIII a XV - Prosa Dom Duarte - Leal Conselheiro e livro de ensinança de bem cavalgar. Notícia Histórica e Literária. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1942.
 27. MATTOS e SILVA, R. V. O Português Arcaico - Fonologia. São Paulo, Ed. Contexto, 1991.
 28. ----- . O Português Arcaico - Morfologia e Sintaxe. São Paulo, Ed. Contexto, 1994.
 29. ----- . "Fluxo e Refluxo: uma retrospectiva da Lingüística Histórica no Brasil", D.E.L.T.A., Vol. 4, no. 1.
 30. ----- . Estruturas Trecentistas (Elementos para uma gramática do português arcaico) Lisboa, IN_CM, 1989.
 31. MATTOSO CÂMARA Jr., J. Dicionário de Lingüística e Gramática. Petrópolis, Ed. Vozes, 12a. edição, 1985.
 32. ----- . História e estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão, 1975.
 33. MOREL PINTO, R. História da Língua Portuguesa IV. Século XVIII, São Paulo, Ática, 1988.
 34. NARO, A. J. Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

35. NUNES, J.J. Crestomatia Arcaica . Livraria Clássica Ed., Lisboa, 4a. ed., 1953.
36. PÁDUA, M.P. de. A ordem das palavras no Português Arcaico. Frases de verbo transitivo. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960.
37. PAIVA, D.F. História da Língua Portuguesa IV. Século XVIII. São Paulo, Ática, 1988.
38. PIEL, Joseph M. Leal Conselheiro o qual fez Dom Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta. Edição Crítica e anotada, Lisboa, Livraria Bertrand, 1942.
39. PIMENTEL PINTO, E. História da Língua Portuguesa VI. Século XX São Paulo, Ática, 1988.
40. PONTES, E. Espaços e Tempos na Língua Portuguesa. São Paulo, Ed. Pontes, 1982.
41. ----- . O Tópico no Português do Brasil, Campinas, Pontes Editores, 1987.
42. ----- . Sujeito: Da sintáxe ao discurso. São Paulo. Ed. Ática, 1986.
43. PUCCINI, M.A.L. "A Topicalização em Cantigas de Amigo do Século XIII." em Revista Científica e Cultural. Campo Grande - MS, UFMS, 1989.
44. SAID ALI, Manuel. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964.
45. SPINA, S. História da Língua Portuguesa III. Segunda metade do Século XVI e Século XVII, São Paulo, Ática, 1988.
46. TARALLO, Fernando. Fotografias Sociolingüísticas. Campinas, Pontes Editores, 1989.
47. ----- . A Pesquisa Sociolingüísticas. Ática, 1986.
48. ----- . Tempos Lingüísticos Itinerário Histórico da Língua Portuguesa. São Paulo, Ática, 1990.
49. TEYSSIER, P. "Le Systême des Deictiques Spatiaux en Portugais aux. XIV,

XV et XVI siècles" em Études de Littérature et de Linguistique. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

50. WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG. "Empirical Foundations for a Theory of Language Change", em LEHMANN & Malkiel. Directions for Historical Linguistics, Áustin, Texas, 1968.